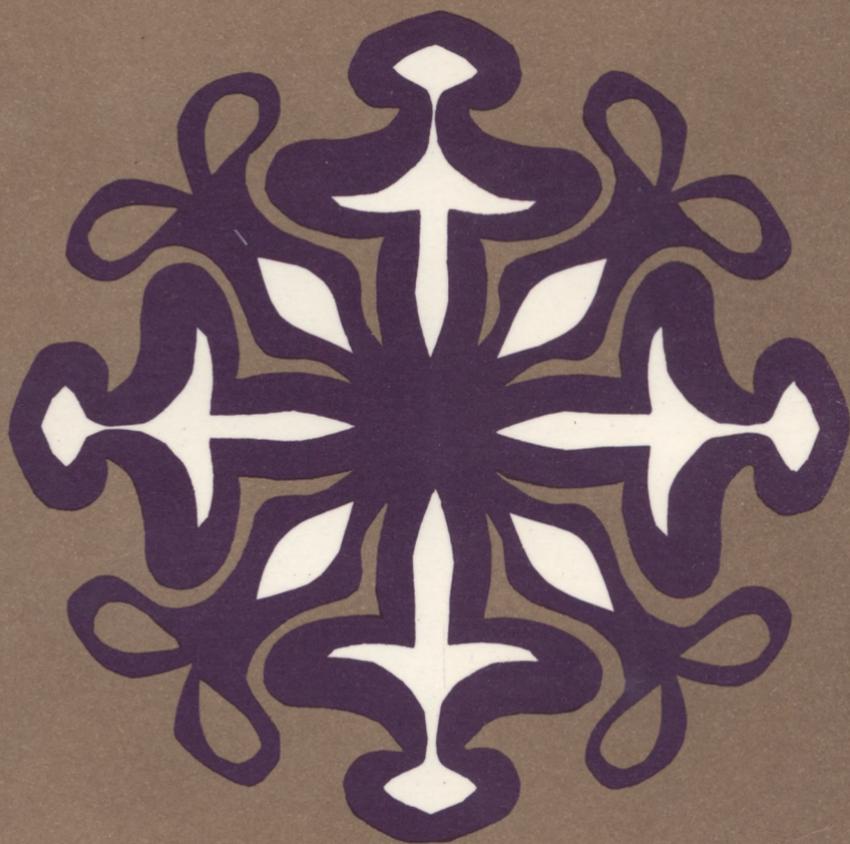


Порт/П
S 816

STEFANYK



CRUZ DE PEDRA

VASSYL STEFANYK

CRUZ DE PEDRA
E OUTROS CONTOS

SOCIEDADE DOS AMIGOS DA CULTURA UCRAÍNA
CURITIBA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1982

Tradução do Ucrainiano e Prefácio: Wira Selanski
Consultas históricas e léxicas: Nikolas Hec
Revisão: Marcos Frederico Krüger Aleixo

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS
1. Tarás Chewtchenko: O SONHO
3. Iván Frankó: MOISÉS
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA

Capa: WW

© Wira Selanski e

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana



Vassyl Stefanyk (à direita) ao lado do escritor Mykhailo Kotsiubynsky (1903)

VASSYL STEFANYK

“Eu parti da minha mãe de camisa branca, branco eu mesmo.
Da camisa branca zombavam, injustiçavam-me e feriam.
E eu andei silenciosamente, feito um gato branco.
Eu senti baixeza por causa do andar silencioso. E o sangue infantil gotejava do meu coração.”

Assim confessaria mais tarde o escritor em MINHA PALAVRA.

Vassyl Stefanyk (1871-1936) foi filho de camponeses abastados na aldeia de Russiw, na Galícia ucraniana, que fazia, então, parte da Áustria e mais tarde, temporariamente, da Polônia. Russiw se situa na região de Pokúttia, bela pela sua paisagem e famosa pelos bons cavalos e pelo amor a antigas tradições camponesas, com seus trajés, seus cânticos e sua linguagem que ainda conserva muitos elementos da antiga língua ucraniana.

Ainda em criança, o futuro escritor experimentara a injustiça feita ao povo humilde, na escola primária da cidadezinha de Sniatyn e depois no ginásio de Kolomeia. Futuramente, ele confessaria: “Até então, e daquele tempo até hoje, não senti vergonha maior, e parece-me que eu seria um outro, se esta vergonha não me tivesse envenenado.”

Em Kolomeia, ele tornou-se amigo do escritor Les' Martovytych, e desse tempo datam suas primeiras composições literárias. Por causa de suas atividades político-sociais, pois organizava tardes literárias e salões de leitura entre os camponeses, Stefanyk foi expulso do ginásio e obrigado a terminar seu curso secundário em Drogho-

bytch. Em seguida, fazendo a vontade do seu pai, matriculou-se na Faculdade de Medicina, na cidade de Cracóvia, chegando em breve a compreender que seu caminho era a Literatura.

Surge um conflito com o pai, que queria ver o filho médico, agravando-se em 1900, quando morre a mãe amada e, meio ano mais tarde, vem uma madrasta para casa. Stefanyk se refere a sua mãe Oksana e sua irmã Maria, que também morreu cedo, com um amor quase religioso.

Muito importante, nesse tempo, lhe foi a amizade com o intelectual polonês Waclaw Moraczewski e sua esposa, pessoas de alta erudição, que influenciaram sua evolução estética e ideológica. Moraczewski, um brilhante conhecedor de arte e crítico literário, sentia o talento de Stefanyk, dando-lhe todo o apoio para que se firmasse como escritor. Assim, de 1900 em diante, Stefanyk, interrompendo seus estudos de Medicina, dedica-se à Literatura e às atividades político-sociais, estas pelo ímpeto de proteger seus patrícios camponeses. Ele trava conhecimento com os maiores escritores poloneses da sua época: o modernista S. Przybyszewski, W. Orkan, S. Wyspianski, J. Kasproicz e K. Tetmajer, bem assim com os maiores entre seus patrícios, principalmente Iván Frankó, Léssia Ukraínka e Mykhailo Kotsiubynsky. Referindo-se a Frankó, Stefanyk confessou: “Estou imensamente feliz por ele me ter guiado, afagado minha cabeça.” No seu artigo DAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX, Frankó escreveu, referindo-se à jovem literatura ucraniana: “O mais vigoroso escritor é Vassyl Stefanyk, talvez o maior talento desde os tempos de Chewtchenko. (...) É um criador pela graça de Deus, com o qual nós nos podemos gabar perante o mundo.”

No ano de 1904, Stefanyk casa-se com Olgha Ghamorák, filha de um sacerdote católico do rito oriental. No banquete nupcial em Lviw estavam presentes o poeta Iván Frankó e o historiador Mykhailo Ghruchewsky, o futuro presidente da República Democrática Ucraniana.

De 1908 a 1918, Stefanyk foi deputado pela Galícia, no Parlamento austríaco.

Durante a guerra de 1914, ele é quase fuzilado por engano pelas tropas austríacas. Quando o exército russo ocupa a Galícia em 1916, Stefanyk foge para Viena. Um

ano mais tarde, ele volta à sua aldeia, envelhecido e grisalho, por causa da preocupação pela família que ficou na zona marcial. O desabamento do Império austríaco, no outono de 1918, e a Proclamação da República Popular Ucraniana Ocidental tiram-no da aldeia. Ele é chamado para o Conselho Nacional Ucraniano em Lwiw. Sob o granizo das balas polonesas, ele foge mais tarde a Stanyslaviw, de onde, em 1919, já como membro da Delegação da Galícia, vai participar, em Kyiw, da festa da Independência e Unificação da Ucrânia, em 22 de janeiro de 1919. No caminho, depara com um terrível caos que o enche de profundo receio, justificado pela história futura.

No ano de 1924 começam suas relações literárias com a Ucrânia soviética, sob o regime comunista nacional de Mykola Skrypnyk. No entanto, os laços se soltam em 1930, quando principia a coletivização das aldeias, a fome planejada pelo governo cada vez mais russificado e, finalmente, o extermínio em massa dos intelectuais ucranianos.

Stefanyk era um homem de fé e queria morrer em paz com Deus, como seus antepassados. Ele era freqüente visitante do palácio de Metropolita Andrei Cheptytsky, em Lwiw, cuja personalidade muito admirava.

A obra literária de Stefanyk abrange 72 contos, reunidos em coletâneas PEQUENO LIVRO AZUL (1899), CRUZ DE PEDRA (1900), CAMINHO (1901), MINHA PALAVRA (1905), A TERRA (1926) e CONTOS (1926-1933). Muito importante é também sua epistolografia. Escrever cartas significava para ele o ensaio geral da inspiração artística.

O escritor conhecia muito bem os hábitos e a linguagem do seu povo. Ele vivia no meio de um ambiente transfigurado pelas lendas e pelos mitos que ofereciam uma atmosfera de abrigo ao povo, fugindo de sua miséria e maus tratos para a dimensão criadora. No entanto, suas existências eram chocantes, e Stefanyk não pretendia usar reticências, apesar de que o impassível, objetivo estilo naturalista não o atraía. Ele escreveu, já no ano de 1896, à sua futura mulher, que o naturalismo vindouro seria diferente do naturalismo de Zola. Criador de uma nova percepção estética, Stefanyk principiou a escrever

de maneira violenta, sem pudor, mas seu estilo está marcado pelas imagens de grande força lírica e estranha beleza emotiva. Estes elementos, o gritante-doloroso e o comovido-mélico, marcam o autor antes como expressio-nista.

Stefanyk, o amante da sua terra natal, profundo conhecedor do camponês da região de Pokúttia, eleva seu dialeto à sua expressão literária. Descreve a tragédia da aldeia no Oeste da Ucrânia, explorada pelo regime estrangeiro e um sistema social injusto, desumano, com classes privilegiadas. Contudo, seu aparente anticlericalismo e anti-semitismo têm caráter local, dentro de uma situação concreta, nunca “em tese”, pois isso não estaria de acordo com seu espírito profundamente humanitário.

No seu tempo, ele foi criticado por seu laconismo e quadros drásticos — características que hoje são consideradas suas qualidades. Seu lirismo é o lirismo da canção folclórica ucraniana. Ele opera maravilhosamente com o monólogo e diálogo de várias formas. Seus contos revelam energia e síntese numa ação tensa, com plasticidade dos caracteres de grande variação de matizes psicológicos, com sentimentos contidos.

As histórias de Stefanyk mostram quadros de morte ou de sua espera torturante na miséria e solidão. O próprio autor, referindo-se ao sofrimento do seu povo, escreveu a seu futuro sogro, padre Kyrylo Ghamorák, a quem dedicou o conto CRUZ DE PEDRA:

“É necessário que estas lágrimas, estes gritos sangrentos, reguem toda a gente boa, para que se incendeiem e queimem como sacrifício diante de Deus.”

— — —

A seleção seguinte apresenta nove contos de Stefanyk.

A CARTA, dedicada pelo autor aos camponeses-prisioneiros políticos, no Natal, invoca o clima carpático: cantores com seu bastão culminando na iluminada “estrela de Belém” percorrem a aldeia inteira a cantar os antigos cânticos natalinos, em gritante contraste à prisão política e suas lamentáveis conseqüências: a morte de uma jovem esposa, o sofrimento ainda inconsciente dos filhos. Po-

rém, os sobreviventes conservam o espírito de dignidade e humanidade, protegendo nas crianças a inocência e o futuro de uma sociedade.

A PEDRA é um pungente quadro da pobreza, velhice e morte. Embora o autor brade sobre a terrível condição de seu povo, acusando a exploração, a miséria, a injustiça e a corrupção, seus contos lidam também com o sofrimento inato da humanidade: doença, solidão, temperamentos difíceis que causam a própria tragédia. Aqui, antes de tudo, se revela a estrutura psíquica dos seus personagens, banhados nas seivas telúricas. A velha “pecadora” Romanykha em vão implora a Deus o mínimo dos mínimos. No entanto, a vida é cruel, o elemento salvador não penetra seu destino irrevogável.

CRUZ DE PEDRA é um conto de tragicidade dilacerante que mostra um casal de velhos despedindo-se da aldeia nativa para enfrentar uma vida nova e mais protegida no além-mar. É a imigração enfocada no seu aspecto contraditório. Buscar a sobrevivência significa ao mesmo tempo perder o chão sob os pés. Os velhos enfrentam esta mudança com uma resignação desesperadora, preparando-se, na verdade, para sua morte.

VELHOS TEMPOS narra, com calma e minúcia de uma crônica, a vida pacata dos antepassados que iniciaram na aldeia o “salão de leitura”. Parece que os tempos antigos tinham sido mais equilibrados e que a morte fazia parte desse tranqüilo contínuo.

FOLHAS DE BORDO (A CAMPONESA) enfoca a existência desumana de uma família rural: o pai desesperado por causa do nascimento de mais um filho — aparentemente rude, na verdade profundamente sensível e desesperado no seu amor pela mulher e os filhos; a mãe, morrendo de parto descuidado, prepara suas crianças pequeninas para enfrentar a sina dos órfãos; o menino Vassylko, de seis anos, mas já com obrigações e responsabilidades de um adulto. A psicologia da criança é descrita com ternura e compaixão. As folhas de bordo, levadas por um vento impiedoso, simbolizam os inocentes espalhados pelo mundo vazio, impelidos pelo destino.

AVENTURAS DAS CRIANÇAS apresenta um outro quadro pungente. Aquilo que parece ser aventura é, na verdade, guerra impiedosa que mata e destrói. O que pretende ser apenas jogo é uma terrível tragédia de duas crianças abandonadas neste vasto mundo.

MARIA, um conto dedicado à memória de Iván Frankó, é um poema em prosa: a velha camponesa perdeu seu marido e seus três filhos na Primeira Guerra Mundial, na qual os voluntários ucranianos, ao lado da Áustria, combatiam seus irmãos, incorporados ao exército czarista russo. Um grupo de “cossacos” da cavalaria russa chega à sua casa e a faz sonhar com os entes queridos ausentes.

ELA, A TERRA descreve também um episódio no panorama da Primeira Guerra Mundial. O conto é dedicado ao pai do autor, e o personagem principal, Semén, tem seu nome. O governo austríaco fazia evacuar os habitantes ortodoxos ucranianos para o interior do seu império, diante do avanço dos invasores ortodoxos do czar Nicolau II. Quem se opunha a esta evacuação era suspeito de simpatias pró-russas, de traição. O exército húngaro executava às vezes pessoas pacíficas e inocentes. Do outro lado, os russos prendiam os jovens e todos os suspeitos partidários de uma Ucrânia independente. As tropas asiáticas do exército russo eram temíveis por sua cruzeza e violência. Assim, Danylo, com a família, pretende abandonar sua aldeia à procura de sobrevivência. É um outro camponês, Semén, quem lhes indica o caminho de volta, pois a terra natal é um apelo sagrado.

MULHERES TOLAS, dedicado aos presos políticos, deixa perceber o infortúnio político-social do camponês ucraniano: as mulheres em protesto enfrentam a autoridade polonesa e levam uma vantagem passageira, sem conseguir, na verdade, uma vitória.

Apesar do clima trágico em seus contos, Vassyl Stefanyk confessou ser um otimista. Mostrando o lado mais pungente dos seus patrícios, ele acreditava no triunfo final de bondade, beleza, inocência. A este meta, Stefanyk dedicou sua vida e sua obra.

CONTOS

A CARTA

Dentro da casa estava tão claro, que a avó Ghrytskyha via a marca de cada dedo de Ivanko impresso na parede. O sol deitou-se primeiro sobre a mata que crescia na montanha diante da casa, deixando nos ramos todas as suas luminosas gemas; a mata lançava os raios contra as janelas da casa. E havia tantos raios em casa que a avó via todinhos os dedos de Ivanko na parede.

— Ó Iván, não te quero ver mais no banco! Olha o que tu fizeste da parede! Vá para o chão!

Ivanko corria da soleira até a mesa, puxando um carretel no cordão de linha, e dizia à avó:

— Não tenha medo, juro que não faço mais.

A pequena Mariyka, com trancinha de rabo de rato, estava sentada atrás da lareira, junto à avó.

— A gente vive apertada, meu Deus, mas mesmo assim se alegra quando chega a festa — dizia a velha.

A face enrugada, lábios azulados, mãos secas, cabelo grisalho — uma avó assim.

— Olhe, lá vem o tio Vassyl com Nykola Semeniw, aquele que está aprendendo coisas na escola.

— Fuja para trás da lareira, perto da avó!

Entrou Vassyl com o estudante.

— E para você, minha mãe, o Natal está atrás da lareira? Desejo-lhe felicidade, saúde, para que demore ainda entre nós — disse o filho, beijando sua mão.

— Ó filhinho, eu não tenho Natal na cabeça. Eu, meu bem, choro todos os dias, feriados ou não — disse a velha, e lágrimas encheram-lhe os olhos.

— Vim com uma carta de Fedir que chegou ontem pelo correio. Semeniw vai lê-la.

— O que escreve ele: está bem ou está doente?

Vassyl puxou a carta da cinta, entregou-a ao estudante que começou a ler:

— “Caro irmão Vassyl e você, minha mãe! Eu lhes saúdo pela festa. Gostaria tanto de cantar para vocês um cântico de Natal da prisão, mas tenho receio que o vento o faça perder-se na mata e não o sobre embaixo das suas janelas.”

A velha banhava-se em lágrimas, Vassyl silenciava.

— “Aqui, os prisioneiros, quando cantam, fazem o muro úmido estremecer e a ferrugem cair das grades. Quando as vozes sobem, até a guarda escuta. Um canto assim na prisão como é triste e terrível! Eu costumava sair cantando no Natal, ainda em criança, quando você, minha mãe, pediu por mim junto ao pai. Depois andei, já rapaz, com o violino. Às vezes parecíamos uma floresta embaixo da janela. Cantávamos, e o violino soluçava entre nós feito uma criança. Não era possível cantar mais do que ele dizia. Pois bem, agora o violino chora aqui pertinho...”

— Meu filho, como pudeste deixar teus orfãozinhos — murmurava a avó.

— “Há horas, quando sinto medo dentro destes muros, em que não posso ficar na cama; então procuro um companheiro para conversar, senão morreria. Quando me lembro da Nastia que foi para baixo da terra por minha culpa e deixou os meus filhos, meu sangue se derrama no coração. Pelas grades se vê as estrelas. Olho como as grandes guiam as menores. E imagino que aquela grande é Nastia, as menores, junto dela, Mariyka e Ivanko, e aquela atrás Vassylko.”

— Ó filhinho, não permitas crescer tanta saudade no teu peito! — gritou a velha, como se Fedir não tivesse escrito e sim falado a ela.

— “E sempre me vem aos olhos o enterro de Nastia. Vocês e as crianças, e o povo também, atrás do caixão. O vento sacode as bandeiras e pergunta: — ‘É o marido desta mulher, onde está?’ — E a bandeira rasgada lhe responde: — ‘Em Stanyslaviw, na prisão.’”

— Cercaram-te de muros, meu filho, no calabouço — suspirou a velha.

— “Eu pretendia arrancar a injustiça, mas foram eles que me arrancaram com as raízes, mataram minha mu-

lher e deixaram meus filhos à mercê de Deus. Se você, minha mãe, e você, meu irmão Vassyl, quisessem cuidar de meus filhos! Lavar-lhes todos os sábados as cabeças, dar-lhes cada domingo uma camisa limpa, para que não andem pretos e os bichos não os comam. E sobretudo, minha mãe, olhe a menorzinha, Mariyka, para que ela, pobrezinha, não babe na camisa, não chore, porque a baba come o peito. Você sabe: quando os órfãos choram, todos os anjos choram também.”

— Eu penteio teus filhos todos os sábados, levo-lhes todas as semanas as camisinhas e deixo as velhas lágrimas cair na água — respondeu a avó.

— “E você, irmão Vassyl, cuide dos meus meninos. Não os deixe andar na chuva, com um saco à cabeça, costure-lhes casaquinhos de lã. Ensine-lhes, como se fosse eu próprio, a ter juízo, não os abandone embaixo das cercas. Faça deles camponeses, não lhes permita esquecer pai e mãe, pois o pai deles não era um malandro, mas defendia os seus direitos.”

— Ó Fedir, não deixarei teus meninos embaixo das cercas alheias, mas os ensinarei, como aos meus próprios — disse então Vassyl.

— “E aquele campo perto do pasto, semeie com trigo, pois a terra é boa, há pouco estrumada. Faça com que meus filhos não tenham prejuízo, pois estou sentindo que não sairei daqui. Mas escreva a mim tudo o que se passa em casa. Inclino-me diante de você, meu irmão, diante de você, minha mãe, e diante dos meus filhos, Fedir.”

A avó chorava ardentemente, e as duas crianças com ela.

— Toma, toma aqui um ducado, não chora, ouviste que teu pai pediu que fosses obediente à avó e não fizeses má-criação?

Assim disse Vassyl a Ivanko e lhe deu uma moeda novinha.

(1897)

A PERDA

Adoeceu a vaca de Romanykha. Estava deitada na palha e olhava tristemente, com grandes olhos acinzentados. As ventas tremiam, a pele se enrugava, toda ela se sacudia de calafrios. Bafejava fraqueza e uma dor terrível, porém muda. Em casos assim, o mais doloroso é que a rês não possa falar e se queixar.

— Os olhos enxergam que não há de durar. Talvez eu pudesse dar um jeito, se fosse o caso de sangue, mas alguém deve ter deitado nela mau-olhado, pois os olhos lhe saem das órbitas — e agora não há mais remédio. Entregue-a a Deus, talvez a console...

Assim dizia Ilách, que era entendido de gado.

— Oh, Ilách, bem se vê que não vai durar, mas quando ela se acabar, também eu não presto mais. Gastei a vida toda para conseguir uma vaquinha. Fiquei viúva, o filho morreu no exército, sangrei labutando dia e noite. Nas longas noites de inverno, fiei até a madrugada, até as pontas dos dedos incharem, até sentir areia nos olhos. Só Deus sabe como foi amargo aquele dinheiro que pus de lado...

— Está vendo, com o pobre é sempre deste jeito: mesmo que gastasse as mãos até os cotovelos, não lucraria muito! É assim, não há remédio. É preciso viver assim mesmo...

— Sem saber o que a cabeça devia inventar e fazer, sem ter conselho de ninguém...

— Implore a Deus mais um dia para encomendar uma missa e fazer um almoço para os pobres. Ou vá em peregrinação a São João de Sutchava; dizem que é de muito poder.

— Oh, já fiz promessa a Nossa Senhora de Zarvantsia e a São João de Sutchava...

— Digo-lhe: talvez Deus ajude, se você lhe implorar. Que Deus lhe conceda o melhor.

Ilách se foi.

Romanykha sentou-se junto à vaca e cuidava dela para que não se findasse. Oferecia-lhe o que tinha de melhor, mas ela recusava comida. Apenas olhava a velha e lhe dava dor no coração.

— Pequena, pequenina, o que te dói? Não deixa a velha sem uma colher de leite... Alegra-me ao menos ainda um pouco.

Afagava a vaca na testa, sob a garganta, lamentava-se sobre ela.

— Como posso me apertar para ganhar uma outra? Não presto mais nem para juntar as pontas dos dedos, quanto mais para enfiar uma agulha. E agora, já velha, devo cuidar de achar um outro animal?

A vaca tremia. Romanykha a cobriu com seu casquinho de peles e parou aí, ela mesma, exposta à geada. Batia dentes, mas não ia embora.

— Talvez seja por causa dos meus pecados que Deus me castiga tanto, pois mais de uma vez pequei por causa de ti, coitada! Ora apascentava-te um pouco além da divisa do campo, ora colhia para ti uma abobrinha, quebrantava um raminho. Mas eu não recusava leite a ninguém. Se uma criança ficava doente, ou uma mulher dava à luz, ia eu com uma caneca de leite... Também distribuía ao povo ricota para a polenta. Deus, não castigues tão severamente esta pobre viúva! Não tocarei mais no que é dos outros, mas deixa-me a vaca!

Assim até alta noite Romanykha lamentou-se sobre a vaca. Espargiu-a com água benta — de nada adiantou. Ela esticou as patas na largura do pequeno estábulo e sacudiu suas ancas, mugindo. A velha afagou-a, abraçou-a, falou-lhe carinhosamente, mas não pôde trazer-lhe alívio.

A lua iluminava o estabulozinho pela porta; a velha reparava em cada gesto da vaca. Finalmente, esta se levantou. Mal se segurava nas pernas. Olhou o pequeno estábulo como se se despedisse de cada canto.

Depois caiu na palha e se esticou feito corda. Romanykha ajoelhou-se junto e a esfregou com um punhado de palha. Não sabia o que se passava com ela. Depois, a vaca mugiu alto e começou a espernear. Romanykha sentiu um calor, os olhos viram amarelo, caiu ensangüentada. A vaca batia com as patas e despedaçava a velha. Ambas lutavam com a morte.

(1898)

CRUZ DE PEDRA

Desde quando Iván Didúkh era conhecido como fazendeiro na aldeia, que ele possuía só um cavalo e uma carroça pequena com lança de carvalho. Atrélava o cavalo à esquerda, a si próprio à direita; para o cavalo tinha tirantes de couro, para si mesmo um pequeno tirante de corda. Não precisava de correão, pois com a mão esquerda prendia a carroça melhor do que com ele.

Assim, quando puxavam feixes do campo ou estrume, no cavalo e em Iván, da mesma maneira, os tirantes se retesavam como tendões e, quando vinham de cima, eles se arrastavam pelo chão. Para cima, o cavalo ia como no gelo e Iván como se tivesse recebido uma pancada na cabeça, de tal maneira a veia estava entumecida na sua testa. Visto de cima, o cavalo parecia enforcado por Iván no correão, como se tivesse uma grande culpa, e uma rede de veias azuis envolvia o braço esquerdo de Iván, feito uma corrente de aço azulado.

Muitas vezes, pela manhã, antes do nascer do sol, Iván ia ao campo pela vereda. Não levava tirantes, mas caminhava do lado direito e segurava a lança embaixo do sovaco. Tanto o cavalo como ele se mantinham firmes, pois os dois tinham repousado durante a noite. Quando voltavam da montanha, se apressavam. Desciam correndo e deixavam atrás de si marcas das rodas, dos cascos e pegadas dos largos calcanhares de Iván. As ervas e o capim de beira-estrada se balançavam, se mexiam para todos os lados atrás da carroça e sacudiam orvalho naquelas marcas. Mas, às vezes, no meio do maior ímpeto, em plena montanha, Iván começava a capengar e fazia o cavalo parar. Sentava-se junto da estrada, pegava o pé nas mãos e lavava-o com saliva, para achar aquele lugar onde entrara o cardo.

— Este pé deveria ser raspado com uma pá e não lavado com saliva — dizia com zanga.

— Vovô Iván, dê uma chicotada no pangaré à direita para que corra melhor quando come aveia...

Assim alguém, que via a aflição de Iván do seu próprio campo, zombava dele. Mas Iván há tempos estava acostumado com tais deboches e calmamente continuava a puxar seu cardo. Quando não o conseguia extrair, então seu punho o impelia mais fundo dentro do pé e, levantando-se, Iván dizia:

— Vá para o diabo! Apodrecerás e sairás por ti mesmo, não tenho tempo para cerimônias contigo...

Chamavam-no na aldeia de Quebrado. Tinha um defeito na cintura, pois andava sempre curvo, como se dois ganchos de ferro lhe puxassem o tronco às pernas. Foi o vento encanado.

Quando voltou do exército para casa, não encontrou mais nem pai nem mãe, só uma choupana desabada. De toda a propriedade passada, herdou do pai um pedaço da colina mais alta e mais árida de todos os campos da aldeia. Naquela colina, as mulheres cavavam areia, e ela bocejava aos céus com buracos e covas, como um gigante terrível. Ninguém a arava nem semeava, não havia nela nenhuma marcação. Só Iván pegou de cavar e semear sua parte. Ambos, ele e o cavalo, conduziam o estrume ao pé da colina, e depois Iván, já sozinho, carregava-o no saco até lá em cima. Às vezes, aos prados embaixo, descia seu grito volumoso:

— Eh! Se eu te atirar, arrebentarás em cada fio. Como és pesado!

Mas parece que nunca atirara o saco, pois o poupava e o fazia descer lentamente à terra. Numa tarde contou à mulher e aos filhos sua aventura:

— O sol ferve, não só isso: lança fogo, e eu ajoelhado levando o estrume lá em cima, que até a pele se desprende dos joelhos. O suor goteja de cada cabelo, a boca cheia de salgado amargor. Mal cheguei em cima, lá na montanha, soprou-me um vento, uma brisa tão leve! No mesmo instante, começou a me apunhalar na cintura — pensei que ia me findar!

A partir desta aventura, Iván passou a andar sempre envergado na cintura, e o povo o apelidou de Quebrado.

Mas apesar de a colina o ter quebrado, dava boa colheita. Iván botava estacas na terra, levava sólidos pedaços de solo com grama para cima e colocava-os em torno do seu terreno, para que as chuvas de outono e primavera não lavassem o estrume e não o carregassem aos vales ribeirinhos. Passou sua vida naquela colina.

Com a idade teve dificuldades, por causa do defeito, para descer da colina.

— Uma montanha de cachorro, empurra-me de cabeça para baixo!

Às vezes, o sol poente encontrava Iván em cima e carregava sua sombra, com a montanha, para longe, através dos prados. Sobre os campos deitava a sombra de Iván, como a de um gigante envergado na cintura. Então Iván indicava com o dedo sua sombra e falava à colina:

— Vês como me envergaste, feito a um arco-íris? Mas enquanto as minhas pernas me carregarem, tens que parir o pão!

Em outros campos, que Iván comprara com o dinheiro trazido do exército, trabalhavam a mulher e os filhos. Iván, no entanto, esforçava-se mais em torno da colina.

Iván ainda era conhecido na aldeia por só ir à igreja uma vez por ano, na Páscoa, e por exercitar galinhas. Ele as ensinara de tal maneira que nenhuma ousava entrar no pátio e ciscar o estrume. Se uma delas, só uma vez, o raspasse com a patinha, já morria de pá ou de cajado. Mesmo se Ivanykha, sua mulher, deitasse no chão em forma de cruz, de nada adiantaria.

E, ainda, Iván nunca comia à mesa. Sempre no banco.

— Fui servo, depois servi dez anos no exército, não conheci mesa, e junto à mesa a comida não me apetece.

Assim era Iván, estranho de jeito e de trabalho.

II

A casa está cheia de convidados, camponeses e camponesas. Iván vendeu tudo o que tinha, pois os filhos e a mulher resolveram emigrar para o Canadá e o velho teve que se render afinal.

Convidou a aldeia inteira.

Ficou em pé diante dos convidados, segurava uma porção de aguardente na mão direita e parecia petrificado, pois não era capaz de pronunciar uma palavra.

— Agradeço a vocês carinhosamente, minha gente, vocês que me honraram como dono e à minha mulher como dona. . .

Não terminou a frase e não bebeu à saúde de ninguém, apenas olhava cegamente em frente e balançava a cabeça, como se estivesse a dizer uma oração e a afirmar cada palavra com o aceno.

Às vezes, uma onda joga fora da água uma grande pedra e a deita na margem. Esta pedra fica aí pesada e sem alma. O sol descasca-lhe cacos da antiga lama e pinta nela pequenas estrelas fosfóreas. Essa pedra pisca com relampejos mortos, refletidos do nascer e do pôr-do-sol, e olha com seus olhos pétreos a água viva, com tristeza por não mais a oprimir o peso aquático que a pressionava há séculos. Olha da margem a água como uma felicidade perdida.

Assim Iván olhava as pessoas como aquela pedra a água. Sacudia seu cabelo cinzento, igual a crina de cavalo, forjada de fios metálicos, e resmungava:

— Agradeço a vocês carinhosamente, e que Deus lhes dê o que desejam. Felicidade, avô Mykhailo. . .

Ofereceu a Mykhailo uma porção e os dois beijaram-se as mãos.

— Compadre Iván, que Deus lhe dê ainda longa vida neste mundo e que o guie ao lugar certo e lhe ajude com sua graça a novamente tornar-se fazendeiro!

— Se Deus permitir. . . Sirvam-se por favor. . . Pensei assentá-los em torno da mesa quando fizesse o casamento do filho, mas saiu diferentemente. Aconteceu o que nossos avós e pais não souberam, mas o que nós temos que saber. Vontade divina! Por favor! Contentem-se, por gentileza, e desculpem alguma coisa!

Pegou uma porção de aguardente e achegou-se às mulheres que estavam sentadas do outro lado da mesa, mais afastadas do leito.

— Tymofikha, comadre, quero beber à sua saúde. Olho-a e, como alguém disse, lembro os anos jovens. Onde — onde? Você era uma moça namoradeira, era vistosa! Mais de uma noite perdi por sua causa, pois você

andava em danças, tão orgulhosa como um pinheiro! Pois onde ficaram, comadre, todos esses nossos anos? Mas não repare e desculpe porque lembrei danças depois de velho. Peço-lhe. . .

Olhou sua velha que chorava no meio do mulherio e tirou da camisa um lenço.

— Toma, velha, este lenço e enxuga o rosto, que eu não veja aqui choros! Cuida dos convidados, pois para chorar terás muito tempo, vais chorar tanto que vazarás teus olhos de lágrimas.

Foi para o lado dos camponeses e virava a cabeça:

— Queria dizer algo, mas calarei, respeitando as imagens sagradas e a vocês, que são decentes. Mas ao mesmo tempo Deus não permite que alguém bom passe a ter juízo de mulher! Olhem como chora! E por causa de quem, por causa de mim, acaso? É por minha causa, mulher minha? Será que fui eu quem te desenraizou, depois de velha, da tua casa? Cala, não soluces, pois logo te arrancarei estas tuas trancinhas grisalhas e seguirás àquela América sem tranças, igual a uma judia.

— Compadre Iván, não ofenda sua mulher, ela não é sua inimiga e não é inimiga de seus filhos, porém sente pesar por causa da família e da sua aldeia.

— Tymofikha, se não sabe, não fale nem um pio! Ela é que sente saudade? E eu?

Rangeu os dentes como pedras de moer, ameaçou a sua mulher com um punho igual a um cajado e bateu em seu peito:

— Tomem e metam um machado aqui no fígado, para que a bÍlis se rompa, pois não agüento. Gente, que pesar, que pesar — não sei que se passa comigo.

III

— Por favor, gente boa, bebam sem cerimônia e nos desculpem, pois estamos de partida. Não se admirem comigo, velho que ladra um pouco com a mulher, mas não é por nada, oh, não é! Isto nunca teria acontecido, se não fosse ela com os filhos. Os filhos, compreendem, são letrados, então, como receberam uma carta com um mapa, foram se chegando à velha e, de tanto serrar e serrar,

a derrubaram. Há dois anos, de nada se falava em casa, só Canadá e Canadá. E como me cercaram, como vi que iriam me roer aqui na minha velhice se eu não fosse junto, então vendi tudo, até a última migalha. Meus filhos não querem ser servos depois da minha morte e dizem: "Você é nosso pai, leve-nos à terra e dê-nos pão, pois se fizer a partilha, não haverá com que se manter vivo." Que Deus lhes ajude a comer aquele pão, pois eu tenho que me acabar de qualquer maneira. Não sou eu, o Quebrado, meus amigos, para umas andanças assim. Sou um toco: o corpo todo um calo, ossos porosos que, antes de juntá-los pela manhã, dez vezes gemo!

— É tarde, Iván, não deixe o desespero entrar em sua cabeça. Quem sabe... mostrando-nos o caminho, todos nós seguiremos. Por causa desta terra não vale a pena desesperar-se! Esta terra não é capaz de manter tanto povo e agüentar tanta miséria. O camponês não pode mais, e ela também já não pode; ambos não agüentam. Não há gafanhotos, mas também não há trigo. Só os impostos se aglomeram: você pagava uma coroa, agora paga cinco, você comia toucinho, agora come batata. Oh, desnudaram-nos, prenderam-nos tanto em suas mãos que ninguém pode nos arrancar delas, só se escaparmos fugindo. Mas um dia nesta terra haverá desgraça, pois o povo vai pegar nas facas! Não há de que ter saudade e lamentar-se!...

— Agradeço-lhe por essas palavras, mas eu não aceito. É certo que o povo vai pegar nas facas. Mas Deus não se zanga com aqueles que fazem negócio com a terra? Agora ninguém mais precisa dela, só de promissórias e de bancos! Os jovens proprietários tornaram-se sabidos agora, uns inflamáveis que não queimam pela terra. Olhem este velho violino: fazer negócio com ele? É um salgueiro cavado, é só apertar com o dedo que ele se desfaz em grãos de papoula. Mas pensam que ele chegará ao lugar do destino? Um dia cairá numa vala e cachorros puxarão suas partes para todos os lados, e a nós impelirão para a frente e nem nos deixarão olhar! Como Deus há de bendizer tais filhos? Opina, velha!

Veio a mulher de Iván, velhinha e sequinha.

— Caterina, o que pensas pobrezinha, na tua cabeça? Onde te deitarei na cova? Ou será que um peixe vai te

comer? Mas um peixe bom nem terá o que beliscar. Vejam!

Ele esticou a pele na mão da mulher e mostrou-a ao povo.

— Só pele e ossos. E uma coisa assim vai descer de seu leito na lareira? Eras uma dona honrada, trabalhavas penosamente, não esbanjaste, mas na velhice te preparaste para uma longa viagem. Sabes onde está tua viagem e teu Canadá? Lá!

E apontou-lhe um túmulo além da janela.

— Não querias ir a este Canadá? Então vamos-nos espalhar na velhice pelo mundo como folhas ao vento. Deus sabe o que será de nós... e eu quero me despedir de ti diante desta nossa gente. Como nós nos casamos diante dela, agora quero me despedir de ti diante dela para a morte. Talvez sejas jogada no mar sem eu ver, talvez eu seja jogado sem que tu vejas, então perdoa-me, velha, que te aborreci tantas vezes, que te injusticei, talvez... — perdoa-me a primeira vez, a segunda e a terceira.

Beijaram-se. A velha caiu nos braços de Iván e ele lhe disse:

— Levo-te, infeliz, a um túmulo distante...

Mas estas palavras ninguém mais escutava, pois da mesa das mulheres veio um choro como vento, sussurrando espadas pontudas, a deitar as cabeças dos homens sobre os peitos.

IV

— E agora, velha, volta lá com as mulheres e cuida que cada uma esteja servida. E bebe uma vez, que eu te veja uma vez embriagada na vida.

— E a vocês, amigos, vou pedir ainda duas coisas. Talvez os filhos mandem uma vez notícia pelo correio que nós, a velha e eu, não mais vivemos. Então lhes peço que encomendem uma missa e que se reúnam como hoje num almoço e rezem um Padre-Nosso por nós. Talvez o Senhor anote menos pecados... Eu deixarei um dinheiro com Yakiw, pois ele é um jovem honrado, não ficará com o dinheiro do velho.

— Encomendaremos a missa e diremos o Padre-Nosso. . .

Iván ficou pensativo. Na face pintava-se-lhe um certo acanhamento.

— Não se espantem com o velho e não riam dele. Tenho vergonha de dizê-lo, mas acho que seria pecado, se não o dissesse. Sabem que coloquei na minha montanha uma cruz de pedra. Amargamente a levei, amargamente e carreguei até lá em cima, mas a coloquei. É tão pesada que a montanha não a poderá sacudir, tem que segurá-la como segurou a mim. Quis deixar uma lembrança de mim.

Juntou as palmas das mãos em um tubo e colocou junto à boca:

— Tenho tanta saudade desta montanha, como uma criança da teta materna. Passei a minha vida inteira nela, tornei-me inválido. Se pudesse, eu a pegaria e a guardaria sob a camisa no peito e a levaria para lá longe. Sinto pesar por causa de qualquer telhado na aldeia, por causa da menor criança, e esta minha montanha nunca deixarei de lamentar.

Os olhos faiscavam uma grande dor: assim treme o campo negro ao sol.

— Esta noite estava eu deitado no celeiro, pensando, pensando: Deus misericordioso, será que pequei tão terrivelmente para Tu me impelires pelas águas do mundo? A vida toda foi só trabalhar, trabalhar, traba'har! Muitas vezes, quando findava o dia, eu caía no campo e rezava fervorosamente a Deus: Senhor, não me recusa nunca um pedaço de pão preto, e eu trabalharei sempre, a não ser que não possa mais mexer nem com o pé, nem com a mão. . .

— Depois veio sobre mim tal pesar que eu mordida meus dedos e arrancava cabelos, rolando, rolando na palha, igual a uma rês. Foi o tihoso que se achegou a mim! Não sei como, achei-me embaixo da pereira com a corda de boi. Ainda um instante e teria me enforcado. Mas Deus misericordioso sabe o que faz. Lembrei-me da minha cruz, e o impuro me abandonou. Dei para correr até a montanha. Depois de uma hora já estava eu sentado sob a cruz. Fiquei parado ali por muito tempo — e senti alívio.

— Agora estou diante de vocês e lhes falo, mas esta montanha não sai da minha cabeça. Eu a vejo sempre, sempre. Hei de morrer e hei de vê-la sem parar. Esquecerei tudo, menos a ela. Eu sabia cantigas, mas as esqueci nela; tive força e deixei nela também.

Uma lágrima correu pela sua face — uma pérola pelo penhasco.

— Peço a vocês, donos, que, quando nos domingos santos benzerem os campos, não deixem de passar pela minha colina. Que qualquer jovem corra até lá em cima e esparja a cruz com água benta, pois vocês sabem que o padre não vai subir até lá. Eu lhes peço muito este favor. Que não abandonem nunca minha cruz. Pedirei a Deus no outro mundo por vocês, mas façam a vontade do velho.

Foi como se quisesse estender-se como esteira a seus pés, ou como se, com seus bons olhos cinzentos, quisesse eternamente sepultar nos corações dos convidados seu pedido.

— Compadre Iván, deixe o desespero de lado, jogue-o fora de si. Nós o lembraremos sempre. Foi um homem honrado, não fez trapaça com ninguém, não arava e não semeava o que não era seu, não pegava nem um grão alheio. Nunca! O povo há de lembrá-lo e não abandonará sua cruz no domingo santo.

Assim Mykhailo consolava Iván.

V

— Agora, senhores donos, eu já disse tudo. Então, quem gosta de mim, há de beber comigo. O sol já está acima do túmulo, e vocês não beberam ainda sua porção de aguardente. Enquanto nós estivermos ainda na nossa casa e eu tiver convidados em torno da minha mesa, beberei com eles; e quem me detesta, há de beber também.

Começou uma bebedeira, aquela bebedeira que faz dos camponeses uns moleques tolos. Logo Iván, já embebedado, chamou os músicos para que tocassem aos jovens que encheram o pátio inteiro.

— Pois tem espaço para dançar até que a terra retumbe, para que não sobre um talozinho de grama no terreno.

Em casa, todo o mundo bebia, todo o mundo conversava, mas ninguém escutava. A conversa fluía por si mesma, pois tinha que ser dita; precisavam dizê-la nem que fosse ao vento.

— Se eu o limpei, limpo estava! O preto como se eu tivesse espalhado prata sobre seu pretume; o branco, como se tivesse passado manteiga na neve! Os meus cavalos estavam em forma, o imperador os poderia montar! E tive dinheiro, oh, tive, tive!

— Oh, se eu me achar no meio de tal deserto, que seja só Deus e eu. Mesmo que eu ande como um animal selvagem, só pra não ver aqueles judeus, e senhores, e padres! Assim eu me chamaria de senhor! E esta terra que se rompa, que se afunde logo, eu não ligo. Para quê? Batiam e martirizavam nossos pais, atrelavam-nos ao jugo e a nós não dão um pedaço de pão para devorar... Oh, se fosse conforme minha vontade...

— Ainda não se achou um tal cobrador que se pudesse arrancar dele um imposto, que nada! Havia um tcheco, havia um alemão, havia um polonês galiciano — merda tiraram, com licença da palavra. Mas quando chegou o polonês masoviano⁽¹⁾, este achou até um casaquinho escondido embaixo da cerejeira. Digo-vos, um masoviano é uma peste: queime-lhe os olhos e não terá pecado...

Havia conversa de toda a espécie, mas ela caía para diversos lados, como troncos podres na floresta.

No alvoroço, barulho e lamento, na triste alegria do violino, misturava-se o canto de Iván e do velho Mykhailo. Um canto, muitas vezes ouvido nas bodas, quando os velhos camponeses criam vontade e principiam umas cantorias antigas. As palavras passam por velhas gargantas com obstáculos, como se não apenas nas mãos camponesas, mas também em suas gargantas tivessem crescido calos. Estes cantos se espalhavam feito folhas amarelas de outono, impelidas pelo vento através da terra congelada, folhas que se prendiam à toa em cada sulco, tremiam com suas beiras carcomidas, condenadas à morte.

1) Polonês da região de Varsóvia.

Iván e Mykhailo cantavam assim seus anos jovens alcançados na ponte de cedro e que não queriam voltar para eles, nem de visita⁽²⁾.

Quando faziam subir uma nota, apertavam-se as mãos, mas tão fortemente que as juntas rangiam, e quando encontravam uma passagem triste, inclinavam as cabeças, tocavam testa contra testa e sofriam. Pegavam-se pelo pescoço, beijavam-se, batiam com punhos os peitos e a mesa e aumentavam com suas vozes enferrujadas tal pesar que, finalmente, não podiam pronunciar uma palavra sequer, a não ser: “Oh, Iván, meu irmão!” e “Oh, meu amigo Mykhailo!”

VI

— Pai, está ouvindo? Está na hora de ir à estação, e você canta como em bons tempos!

Iván esbugalhou os olhos, mas tão estranhamente, que o filho empalideceu e deu um passo para trás. O velho colocou a cabeça nas mãos, longamente matutando. Depois levantou-se de trás da mesa, chegou perto da mulher e a pegou pela manga:

— Vamos, velha, marcha: um, dois, três! Venha, vamos nos vestir na roupa dos senhores e viver como tais! Saíram ambos.

Quando entraram novamente, a casa toda prorropeu em soluços. Como se houvesse uma nuvem de choro desabado sobre a aldeia, como se a desgraça humana tivesse rompido uma represa do Danúbio — assim era o choro. As mulheres trançaram as mãos e assim as seguraram acima da velha Ivanykha, para que nada de cima caísse e a esmagasse no lugar. E Mykhailo pegou Iván pela cintura, sacudiu-o terrivelmente, esbravejando como raivoso:

— Se é um dono, jogue fora de si esses farrapos, se não, eu lhe malharei como a uma puta!⁽³⁾

Mas Iván não olhava em sua direção. Pegou a velha pelo pescoço e a girou na dança.

2) Canto nupcial: Sobre a ponte de cedro
Vêm a nós visitas...

3) Os camponeses usavam seu traje próprio.

— Toquem uma polca para mim, como para senhores, que eu tenho dinheiro!

O povo ficou petrificado: Iván sacudia a velha, como se não tivesse na mente deixá-la sair viva das mãos.

Vieram correndo os filhos e levaram ambos à força para fora de casa.

No pátio Iván continuava dançando sua polca e Ivanykha pegou com as mãos na soleira:

— Gastei-te andando, mordi-te com estes pés!

E mostrava com a mão no ar quão profundamente gastara a soleira.

VII

As cercas ao longo do caminho estalavam e caíam — todo o povo acompanhava Iván. Ele ia com a velha, curvado, num terno de brim cinzento, e a cada instante dançava polca.

Até que todos pararam em frente da cruz que Iván colocou na colina; então, ele ficou um pouco sóbrio, mostrando-a para a velha:

— Vês, velha, a nossa cruzinha? Lá está gravado também teu nome. Não tenhas receio: há o meu e o teu . . .

(1898/99)

VELHOS TEMPOS

Todos três já estão embaixo da terra. Sobre seus túmulos cerejeiras florescem e dão frutos, e as cruzes de carvalho já se inclinaram sobre suas cabeças.

Morreram há muito tempo já: o avô Dmytró, a avó Dmytrykha e o sacristão Bazió.

O avô Dmytró deu terras para os quatro filhos. Após tê-lo feito, ficou só com a avó na velha casa. Não só com a avó, mas também com os bois, as vacas e alguns alqueires de terra. O avô cuidava do que estava junto à casa e dos bois, a avó fazia todo o serviço doméstico, os filhos semeavam os campos, e os pobres faziam a colheita e ganhavam em troca um terço dela e mais um molho de trigo. O avô tratava bem dos bois. Carregava água, escovava-os, varria o estábulo e cortava o capim que crescia junto às cercas.

Mas o seu serviço mais antigo era este: subir ao alto do estábulo e remexer entre arados velhos, grades, escadinhas e cangas — velharias que se haviam amontoado no decorrer de cinqüenta anos de vida de camponês. Ele sempre atirava lá de cima alguma coisa que arrastava até a grama em frente à casa. Examinava tudo minuciosamente, experimentava e consertava. Era aquela a sua ocupação favorita. Enquanto se ocupava com essas coisas, lembrava-se dos anos passados, e talvez por isso gostasse tanto daquele trabalho. Quando não escovava os bois, era certo estar a remexer numa velha canga ou num arado antigo.

Alimentava os bois durante três anos. Depois levava-os para a feira da cidade. Vendia-os por quatrocentos, comprava novilhos pela metade disso, e o restante escondia no velho livro dos impostos que depois trancava no cofre.

Havia muito tempo que não se malhava o trigo, e o pátio em volta achava-se repleto de feixes amontoados. Os feixes mais antigos estavam enegrecidos; os que se encontravam logo acima, cinzentos; os mais acima, acinzentados; os do ano anterior, brancos; e os do ano corrente, amarelos como cera. Todos os meses, ele apalpava esses feixes para ver se os ratos não os haviam roído ou se não estavam mofados. De cada molho, tirava alguns talos e cheirava. Quando era necessário bater um ou outro, chamava os malhadores de trigo e depois escondia o di-nheiro no livro dos impostos que trancava o cadeado.

la à igreja um domingo sim, outro não, alternando com a velha. Esta ia à primeira festa de Nossa Senhora, ele à segunda; ela ia na Páscoa, ele no Natal. No domingo que era seu, ele subia ao sótão e atirava de lá para o vestibulo botas enormes e pequenas botinas. As muito grandes eram suas, do tempo da mocidade, de quando se casara, dos primeiros anos em que se tornara fazendeiro. As botinas pequenas eram dos filhos quando crianças ainda. Sentava-se no banco em frente à casa, levando-as todas para fora; tirava-lhes o pó com um pano e passava-lhes piche. Umas eram de ir à missa e as outras eram colocadas em fila, ao sol, para que o piche as penetrasse bem.

Mandava então a velha que não somente escovasse os bois, mas também que cuidasse das botas, para que o cachorro não as arrastasse para qualquer canto.

Na igreja, inclinava-se até tocar o solo com a testa, punha algumas moedinhas azinhavradas na bandeja e sala suado, pelo meio do povo.

— Avô — diziam-lhe — você até já esqueceu como se fala.

— Os da minha geração já se foram; padeceram nas guerras. Já nem tenho mais com quem falar.

Ao voltar para casa, comia pão com alho ou com toucinho, se não era tempo de abstinência. Tinha três barricas cheias deste na despensa. Um dos barris continha toucinho velho, de três anos, amarelo e macio como manteiga. Este era o seu. O segundo, de dois anos, era nem branco nem amarelo, e pertencia à avó. O terceiro, com toucinho branco como papel, era dos filhos, pois estes só o apreciavam fresco.

Após o almoço, o velho dava uma espiada nos bois, atirava as botas para o sótão e ia dormir embaixo da cerejeira.

Assim passavam os dias, um após outro, tranqüilamente, em paz. Nunca sofria de dor de dentes, nenhuma doença o afligia, nunca tivera junto a si uma benzedeira.

A avó Dmytrykha era fogo, não mulher. Gostava muito de tagarelar, de espalhar boatos. Sem isso, não poderia comer ou dormir. Nem se aproximava do velho, que se mantinha sempre calado. Quando ela queria dizer três palavras, ele punha de lado a velha grade ou o arado e fugia.

— Esse espantalho velho pensa que eu quero beijá-lo. — Cuspia no chão e voltava à porteira ou ia para as margens da lagoa procurar umas mulheres sequiosas de novidades.

O velho retornava ao trabalho e murmurava com os seus botões:

— Já se vê que ficou velha; tem a cara como o couro de uma bota gasta, cabelo branco como leite, mas a língua, esta não envelheceu. Poderia moer com ela cem feixes de trigo por dia e ainda procuraria mais outros cem...

Deus não dera à avó uma filha. Sempre esperara uma, quando mais jovem, e preparara um enxoval. Contudo, Deus não a presenteara com uma menina, e a velha teceu e costurou tanto que os canteiros cederam ao peso dos panos de linho e das cobertas postas a secar. O velho chegara às vezes até a falar, fulo de raiva, para quem é que ela bordava e cosia tanta tralha.

— Vai-te daqui, velho, não me fales mais, porque eu é que vou jogar no fogo aquelas tuas geringonças roídas de vermes que guardas lá no sótão. Não metas o teu nariz nos meus canteiros, senão eu atiro os teus arados e as tuas carriolas no fogão.

O velho encolhia-se como um pardal assustado e fugia-lhe, pois não era um adversário à sua altura.

— Ela sentava-se sobre um banco defronte dos canteiros e falava consigo mesma:

— É tudo igual em todos os gavetões. Cada nora pode escolher qualquer um deles; são todos da mesma

maneira. Mas o quinto gavetão, esse é para a igreja, para o bem da minha alma e da alma do meu velho. Se alguém lhe pusesse as mãos, eu as cortaria.

Domingo à tarde, noras e netos iam à casa dos avós. Tinham todos sobranceiras negras e faces rosadas como cravos.

A velha os fazia sentar à mesa dava-lhes toucinho fresco e cacarejava-lhes como uma galinha choca entre os seus pintainhos.

— Quando eu morrer, cada uma de vocês ficará com um gavetão. Qualquer um, pois todos são iguais. Para mim, vocês todas são iguais; todas são minhas filhas. Mas, se eu morrer antes do velho, nenhuma deve pegar num fiapinho que seja, pois ele há de sentir tanta falta, que pode morrer logo. E avisem, também, aos seus maridos, que não tirem dele nem uma migalha, porque ele tem tanto apego a tudo que não poderia ficar um só dia sem essas suas coisas. Poderiam matá-lo... Deus não o permita! E quando eu morrer, vocês quatro devem vir me carpir e lamentar, mas com vozes bonitas e palavras lisonjeiras. Quando o velho morrer, vocês devem chorá-lo com vozes ainda mais bonitas e com palavras mais belas ainda. Ele vai deixar para vocês tanto dinheiro, que poderão banhar-se nele...

A velha chorava, as noras choravam também. Depois ela as beijava e as conduzia a outra sala, para mostrar-lhes as cobertas.

No pátio, os netos brincavam com o avô. Cada um deles recebera da avó um pãozinho branco ou uma maçã e olhava atentamente uma canga de faia. O avô mostrava-lhes os arados, bois e vaqueiros gravados na canga e dizia que também eles iriam em breve arar os campos.

Quando o sol se punha, noras e netos voltavam para suas casas, e a avó os acompanhava até a porteira, falando com eles ainda por muito tempo.

O terceiro personagem era o sacristão Bazió. Ele não era parente, mas vizinho, morando do outro lado da horta.

A avó Dmytrykha levava-lhe o almoço e a ceia, porque ele era velho e morava só. Parecia, no entanto, que o almoço jamais era comido, por estar ele sempre embriagado a essa hora.

— Bazió, porque bebe tanta aguardente? Um belo dia ela queima você todo por dentro!

— Como é que não hei de beber, avó? Os livros me andam a correr pela cabeça como lebres; cada verso, cada letra faz uma força para que eu o cante ou para que eu a leia. Parece que minha cabeça já vai estourar. Juntam-se todos, como uma nuvem de crianças, querem passar à força por uma portinha estreita, para que eu as escute. Veja, minha cabeça já é tão pequena, e ainda por cima raspada. Como posso dar conta delas? Você ainda pode pôr seus filhos em casas diferentes, mas os meus estão todos juntos. Tenho de enchê-los de cachaça, para que me deixem um pouquinho em paz.

A velha abanava a cabeça penalizada:

— É sim! A sabença é coisa bem terrível! Não é como malhar o trigo! — E dava mais dinheiro para Bazió comprar aguardente.

Por isso, ele ia todos os domingos à sua casa e lia-lhes uns livrinhos divertidos. Os filhos e as noras morriam de rir com as histórias de Luts' Zalyvaiko e a do peru que só tinha juízo na cauda.

Uma vez, porém, Bazió leu um livro tão medonho que a velha e as noras se puseram a chorar de medo e os filhos ficaram todos macambúzios.

— “A terra não dará mais frutos. Mandarei uma grande pestilência sobre o gado, afogarei o vosso povo. As chuvas não cairão sobre a terra, que se tornará dura como pedra e não produzirá...”

Bazió viu que havia exagerado e descobriu no livro as seguintes palavras: “Quem tiver esta escritura junto a si, quem a ler muitas vezes, quem a escutar com atenção e a copiar, será muito agradável a Deus. Toda a casa em que houver esta escritura, nem fogo, nem água, raio ou qualquer outra calamidade poderá atingi-la”.

Isto animou um pouco mais Bazió, a avó e as noras. Estas últimas deram dinheiro ao sacristão, para que ele lhes comprasse aquele livro. Depois da velha e das noras, todas as mulheres da aldeia lhe deram dinheiro para garantir suas casas contra fogo e contra raios.

O sacristão comprou os livros, mas adquiriu, ao mesmo tempo, um casaco novo e um cachimbo de porcelana.

Cada domingo lá ia ele ler aquele livro em casa de uma nova campônia e punha no seu bolsinho algumas moedas para comprar pinga e uma coroa de pão doce, após ter bebido. Pouco faltava para o livro já ter sido lido em todas as casas — só restavam algumas pobres choupanas à borda da mata — quando Bazió ficou doente. Tinha calafrios e febre, e depois, contam, saiu-lhe pela boca um foguinho azul e Bazió entregou a alma a Deus. Parece mesmo que a bebida se incendiou dentro dele. Enfim, todo o mulherio o chorou e o carpiu, como se lamentasse a morte de um irmão.

A velha Dmytrykha não o lamentou por muito tempo, porque ela própria, à chegada do outono, o seguiu por aquele longo caminho. E o avô Dmytró nem chegou a gozar aquela vida sem a velha, pois já na primavera também ele foi para a cova. . .

O povo já os esqueceu, tanto tempo estão mortos. Somente os sócios da biblioteca lembram-se deles, quando falam sobre a origem do salão de leitura:

— O salão de leitura começou com o velho Dmytró, a velha Dmytrykha e o sacristão Bazió. Foi em casa deles que o sacristão principiou a ler uns livrinhos. Até hoje, há por ali, em qualquer canto do sótão, as “Escrituras de Deus” e a história de “Luts’ Zalyvaiko”, mas ninguém mais os lê agora. Já passaram. . .

— Passaram, sim.

— E aquele toucinho de três espécies também já acabou!

— Não se volta aos tempos idos, nem que se monte a cavalo!

(1900)

FOLHAS DE BORDO

O leito coberto de linho. Junto à mesa, no banco dianteiro e no banco de trás, estavam sentados os padrinhos; na beira da lareira, em fila, as crianças. Deixaram as mangas cair soltas, feito um bando de codornas em repouso, mas prontas a esvoaçar. Os padrinhos, no entanto, estavam sentados imóveis, só com as mãos alcançando o pão e uma medida de aguardente; mas as mãos não se moviam por gosto e antes repousariam sobre os joelhos, com o punho cerrado. Tomavam o pão e a aguardente sem ânimo. Uma lamparina piscava no peitoril da lareira, fazendo dos padrinhos grandes sombras e lançando-as no teto. Lá elas se quebravam nas traves e também não se moviam.

Junto à mesa estava inclinado Iván, o dono da casa e pai da criança batizada.

— Por gentileza, meus compadres, bebam mais uma. Apesar de não ser aguardente e sim lama. Mas com o camponês se dá isso mesmo: o que for de pior no mundo, ele tem que consumir, o que no mundo há de mais difícil, ele deve fazer. . .

— Para isso é que nascemos — responderam os compadres piedosamente.

Depois da medida ter passado por todos, Iván a deitou junto da garrafa, para que não caísse na terra, de tão pequena que era.

— Sirvam-se, por favor . . . Vejam que desgraça me aconteceu logo no tempo da colheita, no pior fogo. E juro que não sei o que fazer: se devo deixar a messe, cuidar da mulher e preparar a comida dos filhos, ou se devo deixá-los aqui na misericórdia de Deus e, faminto, mover a foice. É assim mesmo, nesta época ninguém

vem ajudar em casa, nem por muito dinheiro. Tens aqui, Iván, um filho a mais e fica alegre, pois ainda tens poucos!

— Não se queixe, compadre, e não ofenda a Deus, pois é Sua vontade, não a de ninguém. E os filhos são como espuma na água: algo vem sobre eles e leva-os todos para a cova. . .

— Nada vem sobre os meus, apenas sobre a casa com um único filho. Um mendigo faria melhor se não abraçasse sua mulher, nem olhasse para ela. Então Deus não o presentearia com filhos. . .

— Compadre, você fala besteira. Nunca isso acontecerá, pois os homens devem multiplicar-se.

— Se fossem homens, mas são os miseráveis que se multiplicam. Eu digo: tu, mendigo, não procura procriar, parir como os ratos; fica contente se tiveres um farrapo nas costas, um pedaço de pão para não sentires fome e se ninguém te esbofetear o rosto. Se tiveres estas coisas, deves te sentir bem, mas te arreda da mulher!

— Compadre Iván, sossegue um pouco, pois à mulher, conforme o hábito em tais andanças, não convém ouvir tais coisas; esta conversa não dá saúde. Em outra ocasião.

— Desculpem esta conversa minha, mas não pensem que eu me importo com ela. Que me importo comigo mesmo. . . Juro que não! Que se acabem todos logo e eu com eles! Pois sim, perderíamos o paraíso na terra e grandes bens!

Os compadres já não discutiam com Iván, pois viam que com palavras não o venceriam e desejavam que ele se aliviasse o mais rápido possível, para deixá-los ir dormir. Iván levantou-se, parou no meio da casa, deixou cair as mãos como as crianças que estavam junto à lareira e principiou a lhes falar:

— Por que não voam da minha cabeça? Abro portas e janelas e — rua!

As crianças se meteram acima da lareira, assim não podiam ser vistas.

— Arredem, gafanhotos, só querem pão, pão, pão! De onde o tirarei? Se arrancares um pouco de cada décimo-segundo feixe alguma vez, se te baixares, da cintura se derrama fogo ao peito! Cada espiga te espeta o coração!

Disse isso para as crianças, mas agora já se dirigia aos compadres:

— E de noite, quando apareceres em casa como um molho de palha, como um trapo esfregado, todos eles, a mulher e os filhos, gritam com uma voz só: “Não tem pão!” Tu não vais, pobre homem, dormir; tu arrastas o malho e malhas na escuridão, para que amanhã tenham com que ir à mó. E assim o malho te derruba num feixe, e tu caís num sono até a manhã, até que o sereno te cubra. Mal abres os olhos, o sereno te come, pois pouco te come a desgraça que te encontra até de noite. Lavas os olhos e te arrastas tão negro ao campo, que o sol se torna fosco de ti.

— Iván, não se preocupe com os filhos, pois não apenas você, mas também Deus é seu pai, mais velho que você próprio.

— Eu não levanto minha mão contra Deus, mas por que Ele deixa aquilo nascer no mundo, como um nu no espinheiro?! Abandona no mundo, não nas mãos; não faz cair maná dos céus, e depois todo o mundo grita: “Os camponeses são ladrões, assaltantes, assassinos!” Um e outro, encostado na igreja, tão liso e gordo que nem uma mosca é capaz de andar por ele, se arrebatada e recrimina e humilha: “Vocês não ensinam aos filhos o temor a Deus, pois mandam-nos roubar...” Eh, eu também poderia ralhar assim! Se em torno do meu filho estivesse babá e ama-de-leite e empregada, se o povo me levasse tudo para dentro de casa, eu saberia, reverendo, como ensinar aos filhos! Mas meus filhos crescem no mato junto com as galinhas, e quando vem um tempo como agora, ninguém sabe o que eles comem durante o dia inteiro. Se roubam, se mendigam, se pastam — como vou saber? Eu corto trigo nos seus campos e me esqueço não só dos filhos, como de mim mesmo! Os senhores gostariam que eu cultivasse seus campos e ensinasse aos filhos! E eles, para que prestam? Sim, gente, vocês sabem como é nossa vida...

— Sabemos, sabemos, compadre! Como não saber, se nós estamos na mesma correnteza?

— Olho o filho e não penso que ele deva ser comportado e jeitoso. Reparo apenas se está andando firmemente na terra, para empurrá-lo ao emprego, isso espero.

Não aguardo que crie forças, que se torne resistente, para que viva bastante a meu lado. Se apenas um ricaço, um senhor, abrir a goela, eu o lanço lá dentro, para me livrar dele! Depois ele corre em torno do gado: os pés — uma ferida só, o orvalho o come, o campo de colmos o espeta, e ele pula chorando. Tu lhe farias voltar o gado, beijarias seus pés, pois o geraste e a consciência te castiga, mas o evitas, te escondes dele, para não ouvi-la. . .

Enrubescou e bafejou.

— E ele cresce na manjedoura, embaixo da mesa ou do banco, come seus próprios punhos, lava-se com lágrimas. E quando espicha, rouba algo, pois nunca possuiu coisa alguma. Então, quer alegrar-se com a coisa roubada. Olhas e vês um policial que vai à tua casa. Bota-te nos grilhões, esbofeteia-te como a um bicho, pois és pai de um ladrão, então deves ter conspirado com ele. És ladrão para a vida toda. Mas não é ainda o fim, o resto está por chegar: que teu filho, tua criança, mas ladrão das gentes, apodreça na prisão, pois não se tem pena de ladrão. Seja! Mas eles tiram-lhe a saúde e depois mandam que seja tratado num hospital. E então enviam uma carta ao prefeito, que o pai pague as contas. Expulsam-no de casa, jogam-no fora com suas tralhas embaixo de uma cerca. Tu vais ao prefeito, beijas suas mãos: “Prefeitinho, tira-me deste castigo!” “Tu”, diz o prefeito, “és um homem pobre e talvez possamos te deixar ileso, mas que benefício terei com teu benefício?” Apertas os ombros, encolhes-te igual a um canivete e dizes: “Trabalharei um mês sem vencimentos . . .” É assim, ou não é, minha gente? Digo a verdade ou minto como um cão?!

— É tudo assim, você não errou uma palavra sequer!

Iván tremia, sentindo no seu corpo o peso todo de suas terríveis palavras.

— Não digam, boa gente, que crocito sobre as cabeças dos meus filhos como um corvo sobre a carniça, não digam, não! Não sou eu quem crocita, eu falo a verdade; é minha tristeza que crocita, é o coração que crocita!

Seus olhos se incendiaram e neles apareceu um terrível amor aos filhos. Ele os procurava pela casa.

— Parece até que zombei dos meus filhos pior de que mau inimigo. Mas vejam, eu não zombei deles, apenas tirei dos olhos o hoje, o amanhã, um ano, mais outro, e fitei meus filhos. O que estão fazendo? O que vi, eu disse. Fui visitá-los, e meu sangue esfriou no seu terreno...

Depois de um instante:

— Se aquele Canadá não estivesse no além-mar, eu os poria num saco e andaria com eles a pé até lá, para os levar longe desta zombaria. Eu contornaria mares pelas margens...

Os compadres tinham esquecido o repouso, mas agora se lembraram, levantaram-se depressa e se foram.

II

É manhã.

As crianças almoçaram no chão, molharam a frente das camisas e tiniram as colheres. Junto deles estava deitada a mãe, magra, amarela, comprimindo joelhos contra o peito. Sobre seu negro cabelo despenteado escorria sofrimento e dor, os lábios estavam cerrados para não gritar. As crianças, com colheres na boca, voltavam-se para a mãe, olhavam e novamente se viravam para a tigela.

— Vassylko, já estás satisfeito?

— Já — respondeu o garoto de seis anos.

— Então toma a vassourinha e varre a casa. Mamãe não pode se curvar, porque sente muita dor na barriga. Não levanta tanta poeira.

— Sai do caminho, mãe. Por tua causa não posso varrer.

A mãe se levantou e se arrastou até o leito.

— Semenکو, agora lava-te bem e também Katrussia e Maria devem lavar-se. Corre com o jarro para buscar água, mas não cai no poço, não te debruces muito...

— Semenکو, corre a colher alguns pepinos na pe-neira, que mamãe vai azedar no pote de barro. Vejo que estarei doente e vocês não terão o que comer com o pão. Colhe também a raiz forte e folhas de cereja ácida. Mas não puxes o pepineiro, colhe os pepinos junto do talo...

— Semenکو, tira as camisas dos canteiros para que a mãe as remende. Vocês andam pretos que nem corvos.

Semenکو corria sem parar e fazia tudo o que a mãe mandava, empurrando vez por outra as irmãs menores e dizendo que as garotas não sabiam nada, só sabiam comer.

— São ainda pequenas, Semenکو. Quando crescerem, lavarão tuas camisas.

— Eu vou me empregar, então lá também vão lavar minhas camisas, eu não preciso delas.

— Não te alegres, filho, com o emprego, pois chorarás ainda muitas vezes por causa dele.

— Mas o pai cresceu no emprego e nada lhe falta.

— Tu também crescerás no serviço e tua pele vai se romper. Mas não converses agora, Semén; apronta-te para levar comida ao pai. De certo já está com tanta fome que gastou seus olhos te espiando.

— Eu preciso levar o cajado do pai para afugentar os cachorros.

— Se o perderes, o pai baterá em nós dois. Mas não vai com a cabeça descoberta, pega o chapéu do pai.

— Aquele chapéu cai nos olhos e não se vê o caminho.

— Leva o jarro e derrama nele o *borchtch*.

— Mãe, não me ensina tanto, que eu sei.

— Semenکو, cuidado pros cachorros não te morderem...

III

Ele pisoteava uma grossa camada de pó e deixava atrás de si pequenas pegadas como brancas flores.

— Ih, antes de eu chegar, o sol vai me fritar todinho. Mas eu farei sumir meu cabelo assim como um soldado, então poderei andar melhor.

Colocou o almoço na estrada e juntou o cabelo no topo da cabeça para cobri-lo com o chapéu e parecer um soldado tosado. Seus olhos riam, ele pulou e rolou para mais adiante. Mas o cabelo deslizou debaixo da larga aba até a nuca.

— Não vale nada este chapéu. Quando eu me empregar, comprarei para mim um chapeuzinho...

Lambeu o beijo apenas. Passando um pedaço de caminho, de novo colocou o almoço no chão.

— Vou desenhar uma grande roda com raios.

Sentou-se no meio do caminho, na poeira, riscando em torno de si, com o cajado, uma grande roda com raios. Depois levantou-se bruscamente, pulou fora do círculo e correu muito contente.

Aproximava-se de cada portão furtivamente, espianando se havia cachorro no pátio; depois, passava correndo. De um pátio saltou um cão e foi atrás dele. Semenکو deu um berro e sentou-se com o almoço. O cajado caiu também na rua. Esteve sentado assim, recolhido um bom tempo, esperando que o cachorro o mordesse. Depois encorajou-se, espiou e viu em cima de si, calmamente, um cão negro.

— Pega, pega, cigano, um pouco de polenta, mas não morda, pois dói muito e teu dono vai pagar multa. Pela multa, ele te quebrará as pernas.

Beliscava a polenta do embrulho e jogava os pedaços ao cão, rindo porque este os pegava no ar. O cachorro estava de boca aberta e ele próprio a escancarou.

— De quem és, malandro, que alimentas cachorros nas ruas? O que levás ao campo?

Uma mulher lhe aplicou um tapa no cangote.

— Pois bem, pode me bater, mas o cão queria me dilacerar!

— De quem és tão bem-criado?

— De Iván Petriw, mas a mãe teve um filho e está fraca, e eu tenho que levar o almoço, e os cachorros me mordem, e ainda você me bate. . .

— Que bati, que nada. . . Para onde é que tevas o almoço?

— Para o pai ao campo à beira do lago.

— Vem atrás de mim, garoto, eu também levo almoço para lá.

Foram juntos.

— Quem preparou a comida?

— A mãe preparou, pois eu não sei ainda, e Maria e Katarina são ainda menores.

— Mas a tua mãe está doente?

— Como não, se rola pelo chão de dor e tanto geme que dá medo! Mas eu trabalho por ela. . .

— Grande trabalhador!

— Você não sabe e fala besteira. Mas pergunte à mãe, como eu sou sabido! Sei rezar o Padre-Nosso inteirinho...

A mulher soltou uma risada e Semenko deu com os ombros e calou. Atrás dele corria o cachorro, e ele fazia de conta que lhe jogava pedaços de polenta, açulando-o a correr atrás.

IV

Três dias mais tarde.

No meio da casa estavam sentados Semenko e as irmãs, e o coxo com o recém-nascido estava de pé. Junto deles havia uma tigela com pepinos verdes cortados e pão. No leito, jazia sua mãe, contornada de ramos verdes de salgueiro. Sobre ela zunia um enxame de moscas.

— Comam e fiquem quietas, eu levarei a criança na casa de Vassylykha, para que ela lhe dê mamar. O pai mandou levá-la de manhã, ao meio-dia e à tarde; à noite, ele próprio virá.

— Semenko, não quebra a criança no meio.

— Pensei que estavas dormindo, mãe. O pai mandou te dar água fria e pãozinho branco para comer. Maria é tão boazinha que pegou o pãozinho e já deu nele uma mordida. Mas eu lhe dei uma surra e o tirei dela. Vais comer?

— Não tenho vontade.

— O pai fez uma vela e disse que, quando estivesse para morrer, devia dar-te na mão e acender. Mas eu não sei, quando devo dar?...

A mãe fitou o filho com grandes olhos brilhantes. Um abismo de tristeza, mágoa e medo impotente se uniram nos olhos, gerando duas lágrimas brancas. Rolaram até os cílios e congelaram.

— O pai também chorou no vestíbulo e batia com a cabeça na trave da porta! Com os olhos cheios de água, pegou a foice e se mandou.

Tomou a criança e saiu.

— Semenکو, não deixes que a madrasta bata em Katrussia, Mariyka e Vassylko, ouviste? Pois a madrasta vai bater em vocês, afugentar vocês da comida, não vai dar camisas brancas.

— Não vou deixar e direi ao pai.

— Não vai adiantar nada, meu querido filhinho, minha criança adorada! Quando vocês ficarem grandes, devem se amar muito, muito, muito! Você deve ajudá-los e não permitir que lhes façam mal.

— Eu servirei e serei forte, então não os deixarei, virei cada domingo para vê-los.

— Semenکو, diga ao pai que a mãe recomendou para ele amar muito vocês...

— Coma o pãozinho!

— Canta para a criança não chorar.

Semenکو balançava a criança, mas não sabia cantar. E a mãe passou a palma da mão pelos lábios secos e cantou.

Na fraca voz quebrada derramava-se sua alma e baixinho caía entre os filhos, beijando suas cabeças. Palavras sussurrantes, borradas, falavam que as folhas do bordo espalhavam-se pelo campo vazio, que ninguém as sabia juntar e que nunca haveriam de ficar verdes. O canto se esforçava por sair da casa e voar ao campo ermo para colher as folhas...

(1900)

AVENTURA DAS CRIANÇAS

— Vassylko, toma Nastia e leva-a para a casa do tio — por lá, pelo atalho junto à mata, tu sabes. Mas segura-a levemente pela mão, não a repuxes, ela está ainda pequenina. E não a carregues, tu não podes ainda.

Sentou-se, pois sentia muita dor. Depois deitou-se.

— Como se eu soubesse para onde a levar à noite... Morre, mãe, e nós ficaremos junto de ti. Partiremos pela manhã.

— Olha, Nastia, a bala zuniu e matou mamãe. Tu tens culpa: por que barraste quando aquele soldado quis abraçar a mãe? Que mal te fazia isso? Fugimos, e a bala zuniu... Agora não tens mais mãe e vais servir de empregada...

— Já não fala mais, morreu mesmo. Agora eu poderia te dar uma boa sova, mas tu já és orfãzinha. O que vale uma garota assim? Quando morreu a vizinha Iva-nykha, então suas filhas se lamentaram: “mamãe, mamãe, onde procurá-la, de onde aguardá-la?...” E tu não sabes, e eu sou um menino, não fica bem um menino se lamentar...

— Olha como o exército solta luzes da outra margem, como água da peneira! Pisca e logo enxerga onde está um soldado e mete uma bala nele, e então ele se estira, assim como a mãe. Deita-te logo ao lado dela, pois as balas já vêm voando... Escuta como zumbem!

— Olha, além do rio Dnistér os soldados jogam umas bolas de fogo, atiram-nas alto, alto, e a bola arde e depois se apaga. Eles brincam assim. Quantas bolas...

— Escuta o canhão: hu — hu — hu, mas este não atira na gente e sim nas igrejas, ou nas casas, ou na escola.

— Não fica com medo dos canhões. Eles têm umas balas do meu tamanho e rodas como as de um moinho. Mas tu não sabes de nada, tu mal sabes andar, e eu sei dar pinotes como um cavalo. . .

— Esconde-te atrás da mãe! Oh, novamente lançam véu branco, branco como um lençol. Logo vai nos iluminar, olha como estamos brancos, e as balas assoviam novamente. Tanto faz, se a bala me apanhar; eu me deitarei junto da mãe e morrerei, mas tu sozinha não vais encontrar caminho até o tio. É melhor que a bala te mate, pois eu acerto o caminho e dou a notícia para o tio vir sepultar vocês duas.

— Tu choras como se a bala doesse! Ela só tine e faz um furo no peito, por onde a alma foge, e tudo acabado. Não é como em casa que a gente fica doente e é preciso esfregar o corpo com aguardente. . .

— Queres comer, ainda isso! O que te darei de comer se a mãe não está mais? Que a mãe te dê comida! Pede-lhe, pede! Então, o que a mãe responde? Pega, pega na mão, mas a mão cai, não disse? Uma menina tola. . . A alma da mãe voou, é ela que fala, dá pão, bate. . .

— Nastia, vou te dar uma surra: o que é que posso te dar de comer? Olha a guerra, como é bonita, e amanhã vamos para a casa do tio comer *borchtch*. . . Mas espera, parece que a mãe tem pão sob a blusa. . . Cala, toma o pão, come, menina gulosa!

— De novo o véu — branco de neve. Vem nos buscar, oh! Nastia, o que tu tens? A boca cheia de sangue, e as mãos também! Uma bala te pegou? Pobre de Nastia, deita-te depressa junto da mãe. . . o que vais fazer? . . .

— Oh, não foi a bala que te matou, é o pão ensochado de sangue na blusa da mãe. Tu és uma menina ruim, comes tudo como uma porca, sujaste o rosto e as mãos de sangue. . . Como te levo amanhã para a aldeia, tão ensangüentada? Mas espera, vamos ao longo do riacho, e eu te lavo com uma água tão fria que vais berrar fora de ti. E ainda vais apanhar.

— Já comeste, então deita-te juntinho da mãe, e eu me deito ao teu lado. Tu no meio, para o lobo não te comer; enquanto eu vou ainda olhar a guerra, tu te aqueces junto de mim.

— Ou talvez a bala já matou o tio na guerra, e talvez até amanhã mate também a mim e a Nastia, assim não vai sobrar mais ninguém...

Adormeceu. Até o claro do dia o véu branco tremia sobre eles e fugia além do rio Dnistér.

(1916)

MARIA

Maria estava sentada no banco junto à casa e resmungava:

— Que estas moças nunca tivessem nascido: sujasse iguais a cadelas — umas soterradas, outras nas tabernas com os “cossacos”. Para que uma criatura assim nasce neste mundo de Deus? Tolas, vadias, e ainda por cima com uma grinalda de flores na cabeça.

Ela própria soterrara justamente duas filhas suas num esconderijo na adega, quando na aldeia fizeram alarde que vinha chegando uma nova onda de “cossacos”.

O que queriam estes “cossacos”? O que procuravam? Seus celeiros ficaram vazios, a despensa oca estava sem porta, sua casa despida e as ferragens dos baús largando ferrugem. Não queria esperar por eles na casa. Descascada, despojada esta sua casa.

Estava sentada no banco lembrando o passado. Encostou a cabeça contra a parede. O cabelo branco reluzia ao sol como um capacete de arado brilhante, os olhos negros afastavam a testa para cima. Ela se franzia, fugia debaixo do capacete de aço daqueles grandes olhos infelizes que procuravam no fundo da alma tesouros de sua vida inteira.

Longe, junto às montanhas, urravam canhões, queimavam aldeias, e a fumaça negra alastrava-se como um dragão pelo céu azul, procurando brechas no anil, para nele lavar-se de sangue e cinza.

Atrás de seus ombros tremiam janelas com cada trovão dos canhões. Talvez lá fora também estivessem seus filhos, talvez se tivessem envolvido na coberta branca de neve, o sangue deles escorrendo e pintando flores vermelhas. . .

Ela os parira sadios e fortes como troncos. Quanto mais pesada ficava, tanto mais bela e alegre parecia, e tinha leite que seria bastante não apenas para alimentar os filhos, mas também para banhá-los. Possuía um marido forte e gentil. Possuía bens.

Acontecia que ceifavam o trigo a noite toda, tilintando com foices “boa noite” às crianças que dormiam cobertas atrás deles. Então de que mais precisava, o que podia temer? Talvez só que uma estrela pudesse cair na cabeça dos filhos; mas ela era tão ágil que pegaria até a estrela na ponta de sua foice.

Quando cortavam sessenta feixes de trigo, descansavam. Seu jovem esposo a beijava e ela com seu riso afugentava pássaros adormecidos. Só quando suas sombras alcançavam os confins do campo e a lua se punha, eles se deitavam junto aos filhos, e pela manhã o sol os acordava junto deles. Ela os guiava até o poço, lavava-lhes o orvalho das cabeças, e o mais velho carregava para o pai água numa jarra. O marido ficava no campo, e ela voltava com os filhos para casa: um nos braços, dois à beira da saia. No caminho brincava com eles como uma moça brinca com suas fitas. Mimava-os, acariciava-os. Iria ter pena do seu tempo? Era forte e sadia, iria fazer tudo ligeiramente. Seus filhos cresciam bem, nenhum sofria de doenças. Foram à escola. Andava atrás deles pelas cidades, carregava nas costas pães trançados e camisas brancas, as pernas nunca lhe doíam. Quando foram presos em Lviw pela revolta, ela sentou-se num trem, o trem corria voando para os filhos, como se lá na frente estivesse queimando seu próprio coração. No meio daquelas mãos ilustres, pela primeira vez na vida, sentia-se à mesma altura com os senhores e se alegrava que seus filhos estivessem na mesma fileira com eles. Nas férias, tinham vindo, de todas as partes, colegas de seus filhos, e a casa parecia ter ficado mais ampla, tornando-se um sítio senhoril. Cantavam, conversavam, liam livros, eram gentis com o povo simples, e o povo se prendia a eles, desabrochava a seu lado: preparava-se, com a ajuda de suas mentes, conquistar o direito dos camponeses, sepultado há muito nos palácios. Iam numa fileira com bandeiras acima deles, e os senhores abriam-lhes o caminho.

Quando estorou a guerra, os dois maiores logo começaram a se aprontar, e o menor não quis ficar atrás. Ela os preparara a noite toda, tapara a boca com os punhos, para não acordá-los. Quando começou a raiar o dia, notou que estavam dormindo tranqüilamente e sossegou. Sentou-se às suas cabeceiras, olhou-os silenciosamente da estrela até o nascer do sol, e neste tempo ficou grisalha.

De manhã, quando o marido a viu, disse:

— Tua cabeça os educou, que agora fique grisalha.

Depois levou-os até a cidade. A cada passo esperava que um dos maiores se voltasse, dizendo:

— Mãe, deixamos-lhe o mais novo para ajuda e consolo.

Mas nenhum se voltou, nenhum pronunciou esta palavra. Colmos cinzentos sussurravam à sua alma, murmuravam a seu ouvido: “Sim, eles não querem saber de ti, os senhores esqueceram-se da camponesa.”

Uma gota amarga do seu coração envenenou-a logo.

Na cidade, juntou-se a um montão de moços de alta classe e rapazes humildes. Bandeiras e estandartes farfalhavam acima deles e trovejava canto sobre a Ucrânia. Sob os muros, as mães seguravam nas palmas das mãos seus corações, soprando neles, para que não doessem. Quando o sol se pôs, vieram para junto dela os três, para se despedir. Levou-os um pouco ao lado, longe do povo.

Tirou uma faca da manga e disse: o mais novo, Dmytró, deveria ficar, se não, afundaria logo a faca no seu próprio peito. Disse e compreendeu que cortou com aquela faca o mundo em duas partes: numa ficava sozinha, na outra — seus filhos lhe fugiam... Caiu.

Acordou, a terra ribombava sob as longas fileiras, cantando uma canção de campanha. Dmytró estava a seu lado.

— Corramos, filho, atrás deles, para os alcançarmos, para que perdoem a mim, tola camponesa. Eu não sabia bem, eu não tenho culpa que minha cabeça tenha enlouquecido quando aquela Ucrânia tirava de mim meus filhos...

Corria a gritar: — Iván, Andry! — Todas corriam atrás daquelas longas, retas fileiras dos filhos, caíam de joelhos e se lamentavam.

Maria acordou dos seus sonhos-lembranças, torceu as mãos e gritou:

— Meus filhos, minhas crianças, onde estão seus ossos brancos? Vou colhê-los e carregá-los nas costas até a casa!

Sentia-se abandonada no mundo, olhou o céu e compreendeu que sob essa tampa estava sentada sozinha e que nunca mais seus filhos voltariam, pois o mundo inteiro endoidecera: os homens e o gado.

Tudo que era vivo fugia. Ainda há pouco não havia bastante caminhos para todos. Crianças carregavam haveres atrás dos fugitivos, uns empurravam os outros. Nos precipícios, de noite, mugiam as vacas, cavalos despedaçavam gente e a si próprios.

Atrás daquela gente enlouquecida ardia o mundo, parecendo querer mostrar-lhes o caminho para o inferno. Eles pulavam no rio, que carregava nas suas ondas um resplandecer de púrpura e parecia uma espada vingativa estendida ao longo da terra. As estradas ribombavam e rangiam sua linguagem terrível — aquele gemido que nascia de uma crueldade raivosa, quando se devoravam o ferro e a pedra. A terra parecia queixar-se das suas feridas.

Quando se encontraram junto ao rio, os canhões levantaram a terra do seu leito eterno. Casas esvoaçavam — bolas chamejantes; gente enterrada tornava-se pedra sem ter tempo de levantar a mão para persignar seus filhos; o rio vermelho fazia espuma de sangue que rodopiava como grinalda junto às cabeças dos cadáveres que deslizavam silenciosamente com as águas.

Depois da batalha, cavavam covas e tiravam os mortos do rio.

O campo, em poucos dias, gerou muitas, muitas cruzes. Por meio destas cruzes, os soldados conduziam seu filho mais jovem, por ter chamado o tzar de carrasco. Diziam que o levavam à Sibéria. Um longo caminho para andar, sangue iria correr dos pés jovens, pegadas vermelhas... E o velho levou os oficiais para junto daquelas cruzes e sumiu até agora.

— Ó infelizes, deixaram-me sozinha cuidar das coxas em seus viveiros vazios.

— — —

Quando, na cabeça de Maria, lembranças com tristeza e desespero teciam um pano para vedar os seus olhos diante daquele precipício da vida, pelo portão do pátio entrou a cavalaria russa.

Ficou furiosa, porque nunca a deixavam em sossego, e disse-lhes em voz alta:

— Já chegaram, ladrões!

— Nada vamos roubar aqui, mãezinha. Queremos aquecer-nos na casa, deixe-nos entrar! A alma congela no corpo.

Respondeu:

— Então entrem, aqueçam-se na casa fria.

— E você?

— Podem me chicotear aqui mesmo, e para amante, como vêem, não presto mais.

Um dos cavaleiros — era ainda jovem — chegou perto dela e implorou que entrasse junto na casa, pois sozinhos não entrariam.

— Somos gente de vocês — disse, não somos nem russos, nem turcos.

— E como são nossa gente, despedaçam o corpo com chicotes, e outros levam as pessoas e as enforcam na floresta. Os mortos balançam-se nas matas, até as feras fogem...

O jovem tanto tempo implorou docilmente que, no final, Maria entrou com eles. Ficou de pé junto à soleira, e eles assentaram-se em torno da mesa.

— Dê-nos algo para comer, mãezinha, estamos com fome.

— O que lhes posso dar? Lá na prateleira está o pão e de seu dinheiro não preciso, pois uns dão, outros entram e tiram e batem ainda. O tzar de vocês é grande e rico e manda-os guerrear sem o pão? Subam no banco e tirem a broa da prateleira.

Junto com o pão, o “cossaco” tirou o quadro do poeta Chewtchenko, voltado com o rosto para a parede.

— Tire o pão, mas devolva o quadro, é dos meus filhos. Uns como vocês tiraram-no debaixo dos ícones, jogaram no chão e mandaram-no pisotear. Eu o guardei no peito e eles cortaram meu corpo com chicotes. Já nem me lembro quando se foram da casa.

Arrancou-lhes Chewtchenko das mãos e guardou-o junto ao peito.

— Podem me esfaquear, mas não entregarei o quadro.

Aquele jovem “cossaco”, que tão gentilmente pedira para ela entrar com eles na casa, chegou perto, beijou sua mão e disse:

— Mãezinha, por causa de uma festa a Chewtchenko passei muito tempo na prisão. Será que você não nos dará o quadro, para que nós o honremos novamente e o penduremos sob os ícones

— Quem são vocês? Que gente? De onde chegaram? Permitem aos judeus manter sua crença e escrita, e tudo o que é nosso destróem. Agora a neve cobriu os caminhos, mas se não fosse ela, veriam que por todos os caminhos, pela aldeia inteira, estão espalhados nossos livros dos salões de leitura. Aqui!o que o pobre povo conseguiu para o ensino dos filhos foi debaixo dos cascos dos cavalos.

— Dê-nos, dê-nos o quadro!

Devagar tirou o quadro para fora e lho entregou, pois ela mesma estava curiosa com o que iriam fazer com ele.

Colocaram duas broas de centeio, uma por cima da outra, encostaram o quadro nelas, tiraram fora seus lenços bordados em fios de seda e enfeitaram-no de todos os lados.

— Vejam só, “cossacos”! Será agradável ao quadro estar sendo enfeitado pelas coisas roubadas dos judeus?

No mesmo instante um deles levantou-se bruscamente e tirou seu casaco: estava sem camisa.

— Veja, mãezinha, o nosso roubo. Andamos sem camisas, embora pudéssemos adquirir muitas coisas. Estes lenços, com os quais enfeitamos Chewtchenko, são lenços cossacos, mãezinha. Presentearam-nos com eles nossas mulheres, nossas mães e irmãs, para que tenhamos algo com que cobrir a cabeça no campo de batalha para que o corvo não pique nossos olhos mortos.

Maria os olhou, afastou-se indecisa e disse:

— Vocês são, parece, aqueles que meus filhos amavam... ucranianos...

— Somos nós próprios que matamos uns aos outros.

Maria sumiu entre os canteiros e tirou de um baú lá escondido uma camisa, entregando-a ao despido.

— Vista. É do meu filho. Deus sabe se voltará, se a usará.

Acanhado, o “cossaco” pegou a camisa e vestiu.

— Não percamos tempo, rapazes. Vamos honrar ao pai Chewtchenko, e o pão comeremos no caminho. Vocês sabem que temos uma longa viagem — disse o comandante.

Começaram a cantar.

As janelas tiniram; o canto escapou, por meio do esplendor do sol, da vidraça para fora, correu à aldeia. As mulheres ouviram, ficaram paradas junto ao portão, depois junto às janelas; então, timidamente entravam no vestíbulo, depois na sala.

— Maria, o que se passa na tua casa? São bêbedos ou atraem moças com cantorias?

— Não, são outros, diferentes. . .

— Quais outros?

— Tais outros que são nossos. Cala e escuta.

Maria abriu largamente seus olhos para os “cossacos”, avançou como se quisesse correr e deter seu canto, para que não escapasse da casa.

O canto endireitava sua alma.

Mostrava no céu toda a sua vida. Todas as estrelas que via ainda nos tempos de criança, todo o orvalho que caía na sua cabeça e todos os sopros do vento que em qualquer tempo afagavam suas faces.

Este canto punha para fora da sua alma, como de um baú negro, tudo o que era encantado e luminoso, estendendo-o diante dela. Não se cansava de se mirar neste madrugar estranho.

Em qualquer parte, nas montanhas, estava pousada uma águia: o canto alargava suas asas e o abanar dessas asas fazia sarar seu coração, enxugava o seu sangue negro.

Sentia que seus filhos, com as mãos pequeninas, seguravam as mangas da sua blusa e cresciam com cada som. Ouvia cada palavra sua pronunciada no passado,

cada fala sobre a Ucrânia. Todos estes indistintos e misteriosos nomes, tecidos do cabelo das estrelas, tornavam-se um calor riquíssimo que abraçava seu pescoço.

Cintilavam rios de toda a sua terra e derramavam-se com trovejar no mar, e o povo erguia-se bruscamente. Na frente, seus filhos; e ela junto deles, iam para aquela Ucrânia, pois que esta chorava e se lamentava de seus filhos e queria vê-los todos unidos.

Essa lamentação penetrava os céus, seu manto se franzia e rasgava, e o canto parou na soleira de Deus com sua queixa. . .

Quando pararam de cantar, Maria permaneceu imóvel, como pintada num ícone.

Do grupo das mulheres que afluíram em quantidade, uma já idosa achegou-se da mesa.

— São nossos? Graças a Deus vieram finalmente — disse.

— Pois ninguém nos ama, infelizes. Quanto exército passou — todos nos hostilizaram. Quanto povo estragaram! Em toda a parte: na cidade, na estrada ou mesmo na própria aldeia — só estranhos. E nós também lhes somos estranhos: ninguém nos dá fé.

— O que esperas? Não é nosso exército. Parecem iguaizinhos àqueles dos livros e quadros antigos, quando ainda eram nossos. Mas agora estão nas fileiras moscovitas. Como poderiam nos ajudar? Assim às escondidas, quando ninguém escuta, trocam algumas palavras.

— És jovem, sabes ler, estás melhor informada. Pensei que fossem os nossos.

— Nem diga isso, podemos ser severamente castigados por causa de suas palavras. . .

A velhinha meteu-se no meio do grupo das mulheres que pareciam a própria saudade e respiravam desespero.

Mas a jovem Kateryna colocou-se à beira da mesa:

— Olhem como esta Maria, em cuja casa estamos, ficou imóvel por causa do canto de vocês. Ela chora seus filhos. Dois foram com os nossos voluntários e o mais jovem foi levado pelos moscovitas à Sibéria. Ele deve ter ofendido, em frente de uns como vocês, o tzar que muito maltrata nosso povo. Puseram a mão nele e deram-lhe sumiço. Todos eles estudavam. Havia grande riqueza

atrás deles. Nenhuma mãe na aldeia padece tanto por causa dos seus filhos.

— Infeliz Maria, infeliz! — sussurravam as mulheres.

— Pouco antes da guerra, fizemos uma colina em memória a este Chewtchenko que está diante de vocês, na mesa. Tivemos uma grande preocupação, pois os velhos não nos deixavam aterrar de dia por causa do trabalho no campo. E nós conspiramos e aterrávamos à noite: uns com cavalos, outros com carrinhos à mão, outros ainda apenas com pás. Erguemos uma colina do tamanho de um campanário. E Maria com os três filhos tomava parte.

— Que bem fizeram com isso? Apenas causaram desgraça à aldeia. Os russos vieram e reviraram a colina. Procuravam dinheiro ou outras coisas, e por causa daquela colina sumiu meu Mykhailo.

— Mesmo se seu Mykhailo sumisse para sempre, o povo não o esqueceria. Ele não teve medo dos moscovitas e disse-lhes algumas verdades: “Vocês, como porcos, fuçaram a Ucrânia inteira e ainda vieram para fuçar aqui.”

— A ti não te custa falar, Kateryna, mas ele deixou mulher e filhos.

— E o meu também me deixou com os filhos.

— Um de vocês deve ser letrado. Escrevam para o mundo saber, como os russos nos “desatrelam do jugo”. Nós não lhes perdoaremos tão cedo aquela colina do poeta. Quando a erguemos, raiou o dia, o orvalho nos regou, sentamos em torno, pois os pés nos doíam. O filho mais velho de Maria subiu até lá em cima e muito comovido nos falou que desta colina veríamos a grande colina na Ucrânia⁽⁴⁾ e pediu que fôssemos todos um só pensamento. Estava tão estranho, como se de fato tivesse visto a Ucrânia nas estrelas. Depois nos levantamos e cantamos canções, como vocês cantaram agora.

Então Kateryna achegou-se ao ouvido do “cossaco” e disse, sussurrando:

— As canções de vocês são iguais às dos filhos de Maria. Por isso não a acordem: que pense ouvir seus filhos cantando...

(1917)

4) O túmulo do poeta Chewtchenko, sobre o rio Dnipró, erguido em 1914.

ELA, A TERRA

Quando Semén, com o pôr-do-sol, voltou para casa, encontrou no seu pátio cinco carroças com rodas ferra-das, repletas de vários bens; até um berço havia em cima. À frente das carroças estavam bons cavalos. E no banco junto à casa achavam-se sentados velhos e jovens, todos desconhecidos. Semén, velho e descalço, com sapatos amarrados pelo ombro, disse:

— Louvado seja Nosso Senhor, boa gente! De onde vocês são e como se chamam?

— Somos de Bucovina, a guerra nos expulsou de casa; sou Danylo, esta velha junto de mim é Maria; aquelas são minhas duas noras com os filhos e a filha, também com crianças. Gostaríamos de passar a noite na sua casa, se deixar.

— Passem a noite e sejam meus hóspedes. Vou sentar-me com vocês, a mulher que faça a ceia. É minha segunda, jovem e, quando quer, prendada.

— Esta é minha primeira, já há cinqüenta anos minha companheira, mas agora ficou louca; hei de sepultá-la em qualquer encruzilhada das ruas, pois perdeu o juízo sob as rodas. Enquanto ainda via nossa aldeia, chorava e fugia da carroça, as noras tiveram que correr atrás dela; mas quando perdeu de vista seu povoado, emudeceu. Está sentada aqui sem fala no meio dos netos...

— Compadre Danylo, não se espante! Ela deixou suas palavras nas janelas e nos quadros dourados da sua casa; elas se esbatem como pássaros pela casa vazia, como órfãos. Sussurram rezas pelos cantos, e a velha sem elas está muda... Entre no cômodo grande e diante de São Nicolau recite-lhe uma oração; talvez a fala renasça nela novamente.

Os dois velhos levaram a velha para diante dos quadros santos e em voz alta recitaram a oração. Porém a velha continuou calada.

— Ela perdeu as palavras junto de seus santos. Lá vai reencontrá-las.

Sentaram-se de novo no banco.

— Não é de minha conta fazer perguntas mas por que vocês, com carroças ferradas, cavalos negros e filhos pequeninos, abandonaram sua terra?

— Compadre Semén, coloquei nestas carroças ferradas e negros cavalos meus filhos, para não os deixar ao maltrato. Quando algemaram o nosso padre ortodoxo e sua mulher e os levaram às montanhas, quando conduziram o professor, de noite, Deus sabe pra onde, quando enforcaram o prefeito no meio do povoado e colocaram um soldado de guarda pra que ninguém o sepultasse, eu desisti da terra e salvei meu sangue nas carroças ferradas, para que ninguém o suje. O tzar é ortodoxo e nós somos ortodoxos. Eis a nossa traição. Isso é uma razão. A outra é que vem o moscovita e escurece o sol. Vem vindo China, vem vindo Sibéria — gente selvagem do mundo inteiro: esfaqueiam os velhos, violentam mulheres jovens e cortam-lhes os seios, e levam pequenas crianças no trem e espalham-nas pelas terras desertas do império longínquo... As janelas da nossa aldeia ficaram cegas, os sinos mudos. O castigo de Deus desce até nós pelos pecados do mundo inteiro. Assim, da mão pesada de Deus misericordioso tratei de salvar meu sangue, meus filhos, levando-os para o mundo batizado.

— Chamam-nos para cear, compadre Danylo, e não enfureça Deus com lamento desajuizado.

— — —

— Comam e sirvam-se, aves que voam sem saber para onde. E nós, Danylo, tentaremos esta aguardente amargosa, talvez nossos velhos ombros se endireitem.

A ceia não apetecia a ninguém. Só os dois velhos degustavam a aguardente, mas tampouco punham comida na boca.

— Vão, crianças, dormir com as minhas, que Deus lhes pinte sonhos ensolarados. E nós velhos ainda ficaremos por aqui.

— Danylo, se você não se aborrecesse, eu lhe diria algo.

— Deixei o juízo e a zanga no meu pátio. Pode até bater em mim, pois eu sou, como vê, um pássaro velho e sem ninho...

— O velho pássaro não deve abandonar seu ninho antigo, pois não é capaz de fazer um ninho novo. É melhor que sua cabaça esfrie no ninho antigo de que no vale ribeirinho, junto à estrada.

— É verdade, Semén, pura verdade, agradeço-lhe por esta palavra...

— Para onde vocês partem? Atrás dos senhores e dos judeus? O imperador tem para eles a caixa aberta, para vocês ela está fechada. Se entrarem em língua estrangeira, em altos muros frios, então o destino vai lhes espalhar pelas pedras e só em sonhos vocês verão nossa bela terra, e mãos endurecidas vão semear, sem sentir, o trigo novo pelas pedras para a zombaria dos senhores que passeiam. Deus não aceitará vocês daquelas pedras. Mas se forem mortos na sua própria terra, Ele sairá em frente do seu portão a seu encontro. Voltem à sua terrinha macia e lá Deus há de lhes abençoar até na força...

— Sou um pecador, Semén, sou um pecador diante de Deus e de você, pois tenho campos arados, ovelhas bem nutridas, negras e cacheadas. Logo hei de volver as carroças ao nascer do sol, para não enraivecer a Deus.

— Nosso assunto é com a terra: se a gente a deixar, se perde; se a segurar, ela lhe suga todas as forças, tira-lhe a alma com as palmas cheias. Você a mima e fica curvo e ela lhe extrai as veias. Mas, em troca, você tem flocos de ovelhas, boiadas, feixes de trigo. E ela, por sua força, lhe dá a casa cheia de filhos e netos que gargalham como sininhos de prata e enrubescem como viurno... Não vá, Danylo, com os senhores, não procure também o czar, pois você não precisa dele: sempre vem algum até o camponês tirar-lhe o imposto...

— Pela sua palavra, Semén, que Deus lhe dê tudo de melhor; voltarei para casa, que seja feita a vontade de Deus.

E a avó Maria abriu a boca:

— Sim, vamos para casa, Danylo, vamos.

— Velha cadela, logo que saiu como queria, pegou a falar!

— Agora brindemos nossa saúde. Deus permita que passemos a má hora e, quando morrermos, nossos ossos apodreçam na nossa terra.

Os dois velhos bebiam e a velha com eles, cantando. A velha estava sentada no meio, abraçava os dois fortemente e iniciava:

Minha bem amada
Pomba prateada
Não deita no leito:
Embala o filhinho
Canta de mansinho,
Fala com o vento...

Assim eles cantaram até o dia raiar. E com a estrela d'alva, as carroças ferradas chiaram e Danylo principiou o caminho de volta para casa.

Com o nascer do sol, os dois velhos se despediram: beijaram reciprocamente suas mãos negras, e o sol vermelho jogou suas sombras longe, através das veredas, pela terra.

(1922)

MULHERES TOLAS

Ninguém sabe ao certo como aconteceu, mas as mulheres na praça fizeram um comício proibido. Começou pelo fato de que a mulher da aldeia de Stetseva voltara furiosa da cidade de Kolomeia, com o filho na cadeia.

— Quase congelei embaixo dos muros, não me deixaram entrar — e pronto. Ando na geada, a alma arrefece; se pelo menos pudesse vê-lo atrás das grades...

Juntaram-se mais mulheres em torno.

— Perguntem por que está preso. Diabo o sabe — por causa de uns jornais. Viu pela janela chegar um policial polonês e meteu-me na blusa uns papéis. O policial o examinou até a nudez do corpo, botou a casa de cabeça pra baixo e sentou-se. Pensou, pensou e disse a meu marido: “Vá buscar a judia que mora em frente, que venha sem demora.” Veio a judia e o policial lhe disse: “Apalpe esta mulher, pra ver se não tem junto do corpo alguns papéis.” E pronto, ele tirou-me debaixo da blusa aqueles jornais que o filho me deu. O policial ficou contente, folheou-os e disse ao rapaz: “Venha comigo à delegacia.” Ele foi e sumiu até hoje. Eu indaguei, perguntei por toda a parte e afinal descobri que ele está na cadeia em Kolomeia.

Crescia a turba de mulheres.

— Mesmo se eu congelasse, eu o iria procurar; é meu filho mais querido. Talvez esteja com fome, talvez piolhos o comam, talvez definhe atrás das grades. O velho resmungava com quem ficariam os menores. E eu lhe disse: “Se não queres me levar à estação, Deus é testemunha, irei de joelhos.” Viu que não podia fazer nada, atrelou os cavalos e me levou. Eu me sentei no trem, ele corria e eu pensava que logo o veria...

Juntou-se um montão de mulheres; já os homens se punham de pé atrás delas com seus chicotes nas mãos e o policial ficou por ali de orelha em pé.

— Antes que eu achasse aquele cárcere, antes que chegasse até lá — que Deus me acuda! Mas apareceu um senhor bondoso e me perguntou: “Por que, mulher, arrefeces embaixo deste muro?” E eu chorei. Contei-lhe tudo tintim por tintim e ele me levou para dentro da prisão. Fez um protocolo, perguntou meu nome, o nome dele, de onde éramos. . .

O policial tentou afugentá-las, mas não é tão fácil assim com o mulherio.

— E cheguei a vê-lo, talvez nunca tenha me alegrado tanto na vida, desde quando ele nasceu. Estava alegre. “Não se preocupe, mãe”, disse. “Aqui há muitos de nós, nada nos acontecerá, ficarei um ano ou dois preso. Não há nada, somos jovens e agüentaremos.” Assim ele me consolava. Olhei aqueles muros, as pequenas janelas com grades e lhe disse: “Como, meu filho, irás agüentar dois anos?” Fiquei com ele só um instante e “basta, mulher, vai-te embora!” Mas pelo menos foi isso. . .

Nessa altura, formara-se já uma batalha: os policiais afluíam, as mulheres não queriam se espalhar, gritaria. Uma mulher da aldeia de Karliw bradou:

— Querem que nossos filhos, que estudam nas escolas, apodreçam em cárceres, para depois atrelar os camponeses nos jugos! . . .

— Espalharam nossos filhos pelo mundo inteiro. O meu fugiu para a Ucrânia e nem sei se está vivo ou se se perdeu. . .

— O meu padece entre os tchecos.

— O meu entre os alemães. Tomara que eles agonizem tão levemente como eu choro a minha criança!

Cresce o número dos policiais, aumenta a batalha. Os maridos tentam apaziguar os policiais, dizendo que se trata de mulheres tolas que não conhecem decretos.

— Que se apresentem apenas aquelas duas mulheres. Nós vamos fazer um protocolo. O resto que se espalhe.

— Eh, sabemos estes protocolos! Levem-nos todas!

Muito ou pouco tempo as mulheres discutiram com a polícia, mas em todo o caso, depois de uma hora, a passeata se dirigiu à prefeitura, os policiais ao lado. A geada rangia e crepitava sob os pés, atrás iam os homens com seus chicotes.

Cada mulher estava de lenço vermelho na cabeça. Como podiam distingui-las, que diacho pode dar conta das mulheres?

Era verdade. Até a noitinha, as mulheres congelavam no pátio da prefeitura, trocando seus xales, para que não fossem identificadas e não as pudessem expulsar. Tiveram que implorar para livrar-se delas.

Quando se espalharam pelas ruas, gargalhavam, como se estivessem voltando de um casamento. Tolo mulherio, é claro...

(1928)

ÍNDICE

	Pg.
VASSYL STEFANYK	5
A CARTA	13
A PERDA	16
CRUZ DE PEDRA	19
VELHOS TEMPOS	31
FOLHAS DE BORDO (A CAMPONESA)	37
AVENTURA DAS CRIANÇAS	46
MARIA	49
ELA, A TERRA	58
MULHERES TOLAS	62

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucr ana
Rua Brigadeiro Franco, 374
Curitiba, PR

Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rua Riachuelo, 128
Rio de Janeiro, RJ



20